

Revista
a

EVOLUÇÃO

Ano III - nº 35 - Dezembro/2022

ISSN 2675-2573

2020
2021
2022
Feliz
2023

A EVOLUÇÃO
ESTÁ
EM NOSSO
DNA



LANÇAMENTO



Filial 2:
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª EVOLUÇÃO**

Ano III - nº 35 - Dezembro de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Antônio Raimundo Pereira Medrado
- Elizabeth Hama Francisco e Luís Venâncio
- Lucicleide Pereira dos Santos
- Marilene Pereira da Silva
- Monica Nunes
- Nair Dias Ramos
- Rosemary Nunes Gomes
- Vilma Maria da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 3, n. 35 (dez. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022. 66 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.35

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.35>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Denise Mak

Isac dos Santos Pereira

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva

Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira

Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.

Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

Produzida com utilização de softwares livres

FSF FREE SOFTWARE FOUNDATION



LibreOffice



OJS
OPEN JOURNAL SYSTEMS

Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Profª. Dra. Andréia Fernandes de Souza

COLUNA

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



08, 09 e 10 Lançamentos



11 Exposição: Nina Pandolfo na EMEF Tereza S. K. Hatori



ARTIGOS

1. A CRENÇA RELIGIOSA E A ESCOLA PÚBLICA

Antônio Raimundo Pereira Medrado

15

2. INFLUÊNCIA DAS REDES DE APOIO SOBRE A PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS EM LUANDA

Elizabeth Hama Franciscoc Luís Venâncio

23

3. A ARTE E A CULTURA DIGITAL NO PROCESSO EDUCATIVO

Lucicleide Pereira dos Santos

29

4. JOGOS E BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

MARILENE PEREIRA DA SILVA

37

5. AS ARTES PLÁSTICAS COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monica Nunes

43

6. AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NOS PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Nair Dias Ramos

51

7. GESTÃO PÚBLICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

Rosemary Nunes Gomes

57

8. A IMPORTÂNCIA DA ARTE DE ATUAR E FANTASIAR EDUCAÇÃO INFANTIL

Vilma Maria da Silva

61

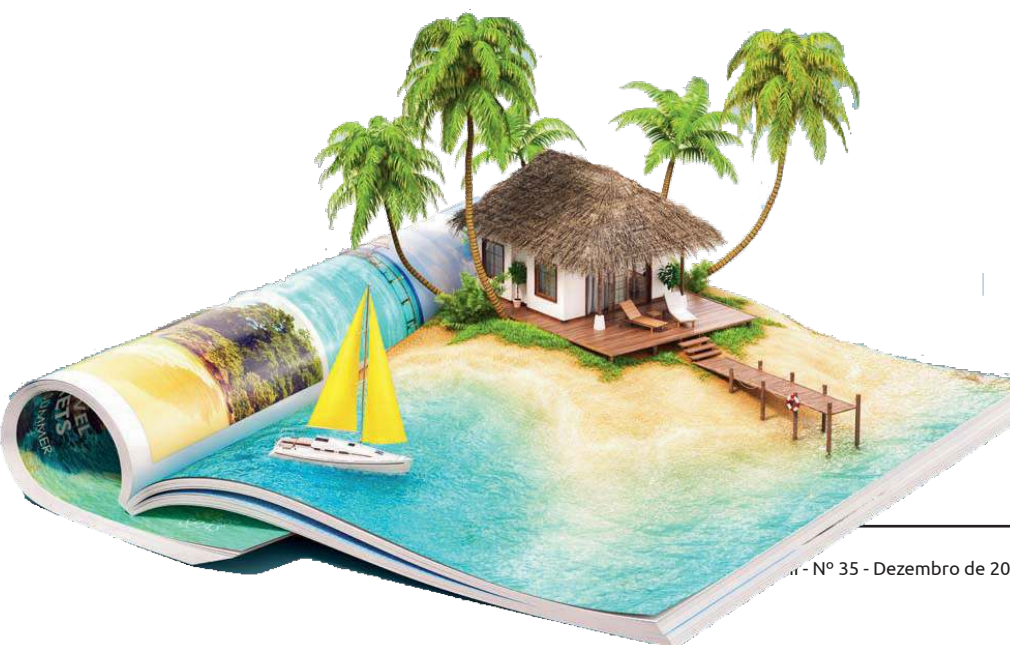
Anotar as metas do próximo ano, revisitar os desejos do ano que termina, estabelecer aquilo que se pode fazer e ser mais realista com as autocobranças. A cada ano que termina ou que inicia fazemos um balanço de nossas ações, atitudes, conquistas e perdas ao longo desse período.

Nesse ano, a revista Primeira Evolução completou dois anos de existência, publicou doze números que a cada mês trouxeram reflexões múltiplas. Ao longo do ano foram 162 artigos. Homenageamos três professores e uma escola, divulgamos 06 lançamentos de livros, parte deles, financiados pela sua participação na revista.

Terminamos o ano com muitas ideias e desejos para 2023! Que possamos publicar mais artigos, que tenhamos mais profissionais homenageados, que consigamos divulgar práticas êxitosas de professores e escolas, e que retomemos o protagonismo de nossa área tão importante para mudar pessoas e construir um país.

Esses são nossos desejos! Que possamos cruzar com os desejos de outros educadores que querem e fazem a diferença!

Boa leitura! Boas festas! Feliz 2023!



Profª. Dra. Andréia Fernandes de Souza
Licenciada em Artes Visuais, Pedagogia e Matemática. Doutora pela (UNIFESP). Professora Nota Dez em 2015 (VICTOR CIVITA). Professora dos anos iniciais na rede pública estadual e municipal de São Paulo.



NÃO SÓ LÁPIS, CANETINHAS, PAPÉIS E DEDOS DOS PEQUENOS, MAS TODO SEU CORPO EM AÇÃO AO CRIAR

ISAC DOS SANTOS PEREIRA

Ano que termina e finalizamos com muito aprendizado e gratidão por tudo o que ele nos propiciou em meio aos altos e baixos dentro do sistema educacional. Altos e baixos? Sim!

Naquele determinado dia, um não quis pintar, no outro, um não quis desenhar... Mas está tudo bem! Nem sempre é dia bom, pois tem vezes que a alma não quer sair para se expressar no papel, mas, há momentos que ela quer ficar somente em seu cantinho, quietinha, esperando ânimo para se fisicalizar nos desenhos dançados pelos pequenos estudantes.

Para finalizarmos o ano, a presente coluna não traz nenhum desenho em específico, contudo, uma fotografia feita pelo pesquisador (EMEF Paulo Setúbal/3ºAno do Ensino Fundamental I); mentes, espíritos e corpos, estão a criar... se desfazendo e se refazendo em meio as ideias e devaneios infanto-juvenis. Sim! São corpos que se

reconfiguram e se diluem nos movimentos, não só dos dedos, mas de todo esse arcabouço brincante que, não importa o lugar, a forma, o tempo, o dia, mas estando bem, sua alma sai para brincar nos traços das pinturas e desenhos de mais uma aula de Arte.



Isac dos Santos Pereira

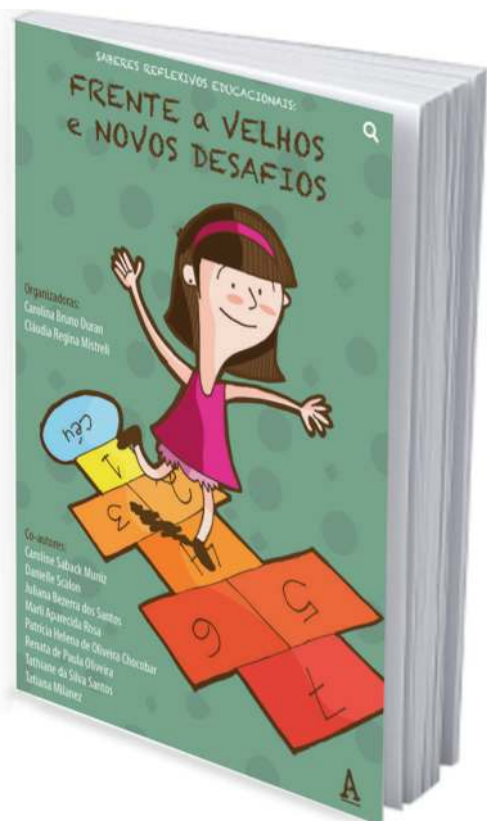
Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi -UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte -FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na Emef Paulo Setúbal. E-mail : isacsantos02@hotmail.com.

LANÇAMENTO

3 de dezembro

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

São Vicente - SP



CAMINHOS

LANÇAMENTO

CAMINHOS

Tâmara Rodrigues



Formato: 66 pag. x 14
ISBN 978-85-94380-39-5



LANÇAMENTO

São Paulo - SP

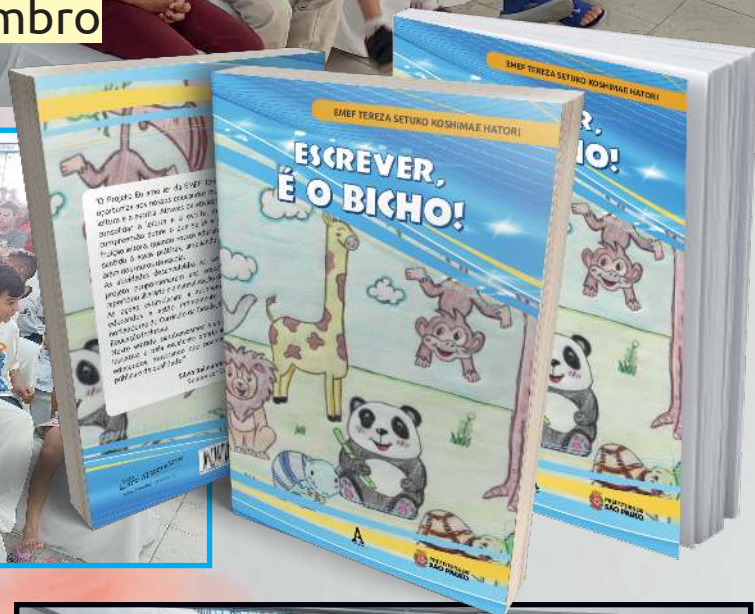


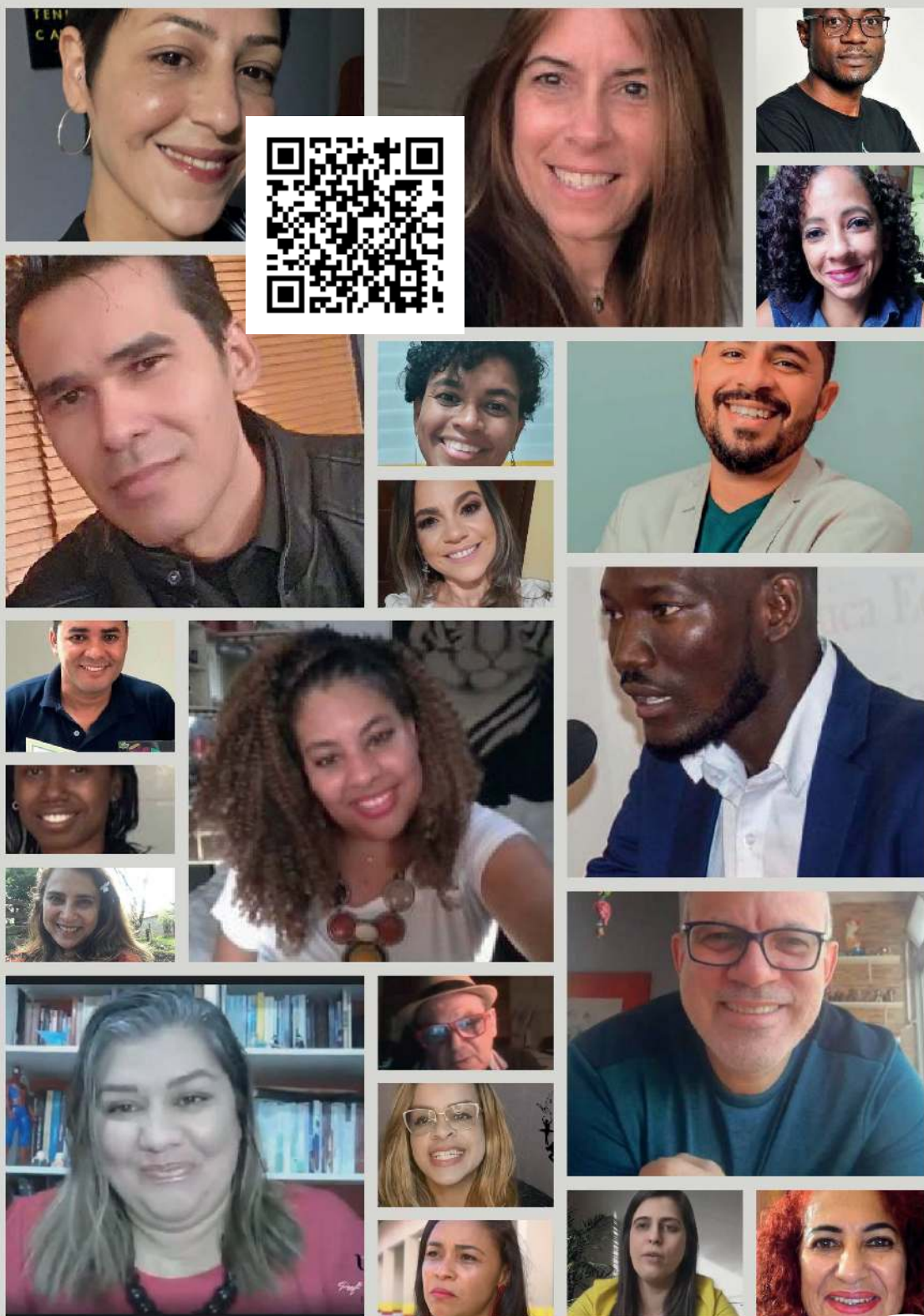
LANÇAMENTO

EMEF TEREZA SETUKO KOSHIMAE HATORI

São Paulo - SP

9 de dezembro





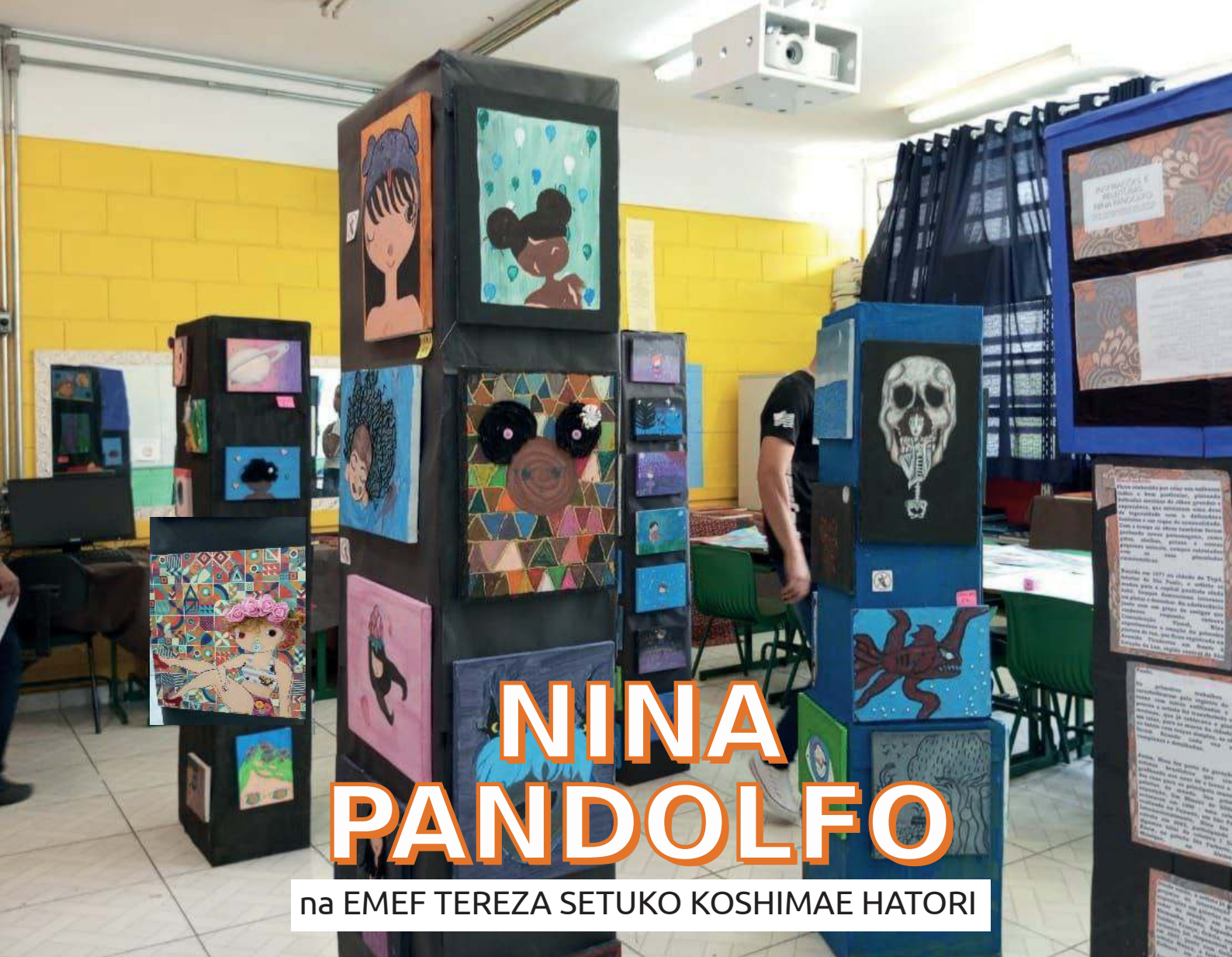
O canal **professor(a), conte a sua história** é um espaço para o professor contar sua história e falar de seus projetos educacionais. Na galeria temos fotos de alguns professores que já participaram, do Brasil e também da África. Dentre eles, o professor Paulo Magalhães que está entre os melhores do mundo, vencedor do Global Teacher Ward (2021).

Junte-se àqueles que acreditam na educação pública de qualidade. INSCREVA-SE e conte a sua história e divulgue o seu projeto.

Professor, profissão que forma todas as profissões!!!



Apresentação:
Profª. Dra. Joseneide Gomes



NINA PANDOLFO

na EMEF TEREZA SETUKO KOSHIMAE HATORI





A presente mostra é parte do resultado do trabalho desenvolvido nas Aulas de Artes durante o ano letivo de 2022.

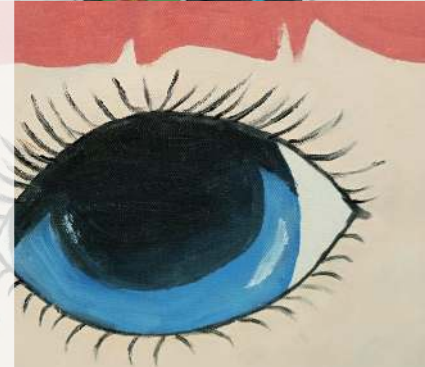
Inspirado na Vida e obra da artista brasileira Nina Pandolfo, e com o objetivo de conhecer e valorizar a Diversidade, tendo as diferenças como contribuição, além de refletir e valorizar a vida cotidiana.

Conhecemos a obra da autora, realizamos uma Roda de Conversa pelo Meet com a artista que nós cedeu gentilmente seu tempo, Aproximando vida e arte, sensibilizando para o belo e o humano.

Através dos desenhos e da fotografia os estudantes foram estimulados a expressar e valorizar suas Identidades, medos e sonhos.

Um trabalho repleto de dedicação, persistência e muitas aprendizagens.

O resultado não poderia ser outro.



Parabéns, as obras ficaram lindas!

Profas. **ÁUREA CARVALHO DE SOUZA** e **KELLY VIEIRA ALENCAR**



Revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação. É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

JUNTE-SE A NÓS!

Sua publicação financia livros e pesquisas de professores/as e estudantes da rede pública de ensino.

11 99543-5703

A CRENÇA RELIGIOSA E A ESCOLA PÚBLICA

ANTÔNIO RAIMUNDO PEREIRA MEDRADO

RESUMO

Este estudo pretende investigar e compreender as principais circunstâncias em que ocorrem indução e/ou imposição de valores religiosos, alheios ou contra a vontade dos estudantes, e sem a permissão dos pais, em escolas públicas. É inspirado na pedagogia libertária do espanhol Francisco Ferrer y Guardia, com o aporte teórico de Pierre Bourdieu como referencial, baseada em trabalhos e estudos da professora Roseli Fischmann, e nas experiências vividas em território escolar. É um estudo descritivo qualitativo, caracterizado como um estudo de caso do tipo interpretativo, circunscrito à investigação bibliográfica. O propósito desse estudo é apontar alternativas que fortaleçam a ideia de respeito à diversidade e às diferenças, valorizando o ser humano como indivíduo autônomo numa sociedade multicultural, por meio da educação pública.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Laicismo. Ensino Religioso. Pedagogia Libertária.

INTRODUÇÃO

Na escola somos introduzidos desde muito cedo, sendo para alguns o primeiro contato real com o mundo exterior. A educação nos é apresentada não só como direito conquistado, mas também e principalmente, como sendo obrigatória, seja por força da lei, seja pela necessidade criada pelo próprio sistema para manter-se funcionando. A importância dada à escola é tanta que basta despontar um novo agrupamento de pessoas, por menor que seja o grupo, e sua primeira reivindicação pública será a construção de escolas.

Essa característica norteia o funcionamento da sociedade contemporânea, até porque, é nessa instituição que os sujeitos crescem depositando suas expectativas de experimentação, aprendizagem, e também de ascensão social, mesmo quando ela não corresponde de fato às expectativas.

[...] no funcionamento de uma instituição escolar que, sem dúvida, nunca exerceu um papel tão importante e para uma parcela tão importante da sociedade como hoje, essa contradição tem a ver com uma ordem social que tende cada vez mais a dar tudo a todo mundo, especialmente em matéria de consumo de bens materiais ou simbólicas, ou mesmo políticas, mas sob as espécies fictícias da aparência do simulacro ou da imitação, como se fosse esse o único meio de reserva para uns a posse real e legítima desses bens exclusivos. (BOURDIEU, 1998, p.225)

Contando com o aval, (ou desconhecimento) da população, a escola cada vez mais se prende às rédeas do poder estabelecido, caracterizando-se por moldar, reconstruir o indivíduo de acordo com a classe social em que ele está inserido, como se tentasse definir desde cedo qual o papel desse cidadão nesta trama, porém, sem lhe dar escolhas. A ideia de emoldurar o indivíduo conforme os aspectos sociais e culturais pré-definidos, parte da suposição de que quem não se enquadra não prospera, não alcança seus objetivos etc. Por isso a necessidade de seguir a cartilha, pois a mesma tem um modelo de sociedade, de comportamento, de moral que “melhor representa uma vida exitosa”.

Antes mesmo da escola, a família é a primeira responsável pela formação e inserção do indivíduo na sociedade, junto a isso a formação religiosa (e não facultativa) das crianças, contribuindo para sua formação moral e manutenção das crenças familiares, costumes e determinados valores.

Temos então a fórmula perfeita para uma sociedade funcional nos moldes do que pretende o estado ou sistema estabelecido. Os valores familiares e religiosos tradicionais, mais a formação cívica, estrutural e organizacional recebida na escola pública, bastando isso para preservar nosso orgulho de colonizados modernos, respeitadores e cumpridores das leis e dos bons costumes, preservadores da moral e da ordem, onde questionar torna-se um ato vergonhoso, pecaminoso ou criminoso.

Contudo, é sabido que mesmo numa sociedade com maioria religiosa e/ou submissa de alguma forma, é possível surgir aqueles que são menos religiosos, e até mesmo aqueles que são aversos à religião, contestadores, questionadores etc. não sendo isso prova de que sejam melhores ou piores devido a essa característica. Indivíduos esses que possivelmente tiveram formação não convencional, principalmente em casa, onde aprenderam a respeitar as diferenças e a diversidade antes mesmo de ter ido à escola. Esses, mormente sua permanência na escola, são como se imunes fossem aos doutramentos, muito embora sejam apontados como diferentes, são poucos, e acabam por aceitar facilmente a alcunha que lhes é dada, ou sofrem muito devido a isso.

O Estatuto da Criança e do Adolescente em sua ânsia de proteger e assegurar nem que seja o mínimo para nossas crianças, não acha tempo para questionar o fato de que esses jovens não são indagados sobre o desejo de submeterem-se ou não à crença de seus pais, (isso também no âmbito escolar), o que muitas vezes pode representar algo tão malévolos para sua evolução e progresso quanto as famosas e tão discutidas palmadas.

A Constituição Brasileira de 1988 claramente estabelece a laicidade do estado, delimitando as ações religiosas ao âmbito privado apenas, muito embora respeitando e garantindo as diferentes crenças, não lhes permitem normatizarem a esfera pública, que abrange a todos, indiferente às suas convicções religiosas. O fato é que a letra da lei muitas vezes perde seu valor na prática das ações sociais cotidianas, e a escola não tem fugido a esta horrenda regra, no que diz respeito às práticas religiosas criminosas e o ensino religioso (mesmo o oficial).

É preciso salientar a todo instante que, do ponto de vista legal, humanitário e de respeito ao próximo, todos são livres para crer ou descrever, sem prejuízo a seu desenvolvimento e a sua participação na vida social do país, no entanto, ateus e não-cristãos são coagidos e pressionados diariamente a participarem de atividades onde são desrespeitados, ridicularizados e até constrangidos no ambiente escolar público, lugar onde vão para se desenvolverem e progredirem.

Como respeitar o ambiente escolar quando nele se é desrespeitado constantemente, sob a autoridade do diploma, do cargo, e pior, da ameaça de punição?

A ideia de enxergar a escola pública sob uma ótica não usual, ou sob um ponto de vista crítico, no sentido legal, pedagógico ou metodológico de suas ações pode nos levar a rediscutir novas formas de construir-se como sujeitos ativos e participativos na sociedade, respeitando as minorias e trabalhando para que elas não sejam vítimas de discriminação ou preconceito sob a autoridade de professores que se julgam melhores devido apenas as suas experiências e crenças religiosas.

JUSTIFICATIVA

A busca por melhorias no ensino público, por uma educação que respeite o indivíduo, e a preocupação em ampliar as possibilidades de educar para libertar o indivíduo das amarras de um sistema que o violenta com suas imposições, é que norteia esse estudo.

A cada ano milhares de crianças deixam seus lares e suas visões de mundo e se submetem a um novo mundo, dito bem mais amplo e colorido, divertido às vezes, e maravilhoso tanto mais o aceitem, esse mundo de possibilidades é o que chamamos de escola. Sinônimo de educação, a escola pública tem se comportado como um depósito de crianças a serem moldadas de acordo com a vontade do sistema, que as enumera e as acomoda em classes sociais subalternas e subservientes.

A serviço do sistema que a mantém, a escola, ou melhor, a educação, é entendida como possibilidade de emancipação humana, de acesso ao conhecimento e de esperança no futuro, talvez até o melhor caminho para formação e inclusão social. Seu dever para com a sociedade, se aplicado de maneira consciente poderia de fato levar o sujeito a repensar sua participação no mundo e ampliar sua consciência para com o próximo, fortalecendo sua cultura e de sua comunidade. Porém, quando foge de seus propósitos, torna-se um simples armazém de pessoas, condicionando-as a seguirem normas e a repetirem discursos que desconhecem, que não entendem, e que se discordam, acatam-nas do mesmo modo, sob a ameaça de punição legal ou divina.

“O indivíduo formado no seio da família com seus atavismos selvagens, com erros tradicionais perpetrados pela ignorância dos pais, e na escola com algo pior que o erro, que é a mentira sacramental imposta por aqueles que dogmatizam em nome de uma suposta revelação divina, entrava na sociedade deformado e degenerado, e não podia ser exigido dele, por uma reação lógica de causa e efeito, mas que resultados irracionais e perniciosos.” (FERRER, P.2, 2010)

Dentro dessa estrutura que temos hoje, e que se arrasta desde o Brasil colônia, a educação não fomentará o desejo de emancipação e autonomia do indivíduo, principalmente quando julga saber o que é melhor para todos igualmente. O despertar da educação seria a única solução para tirar o indivíduo dessa condição atávica à qual por ventura esteja preso, e a escola tornar-se-ia imprescindível para formação do sujeito social consciente e livre, mas para isso, a escola precisaria se reinventar sob diferentes aspectos.

Ela nunca deixou de ser fiel à sua condição de formadora de opinião, muito embora sempre afinada com os governos e com o sistema de privilégios que a mantém como legitimadora de suas normas e das diferenças sociais.

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2001, p.311)

O modo de atuação das instituições educacionais públicas, quase nunca é avaliado ou conhecido pelos pais, estes preferem acompanhar de longe, preocupados apenas com o resultado, acreditando que será sempre o melhor, já que confia cegamente a instrução de seus filhos aos profissionais que julgam preparados. Pouco ou nada se preocupam com o que pensam seus filhos, e a que tipo de tortura psicológica ou humilhação poderá ser submetido em nome de uma suposta sociedade melhor.

É nesse campo de abandono que nas entranhas das escolas públicas esconde-se como uma víbora voraz a imposição de valores e crenças, que extrapola o âmbito legal das coisas, violenta e se impõe como sendo absoluta, e que podemos chamar sem medo de: fanatismo religioso. Combater esse monstro como sendo filho da ignorância, da superstição, e portanto um erro, deveria ser o verdadeiro e constante papel do educador em sala de aula.

“Se dada religião é tomada como “melhor” ou “preferencial”, comparativamente às outras religiões que estejam presentes em dada sociedade, e sejam quais forem os argumentos usados, automaticamente o grupo de adeptos dessa religião passará a gozar de privilégios e distinção que excluirão os demais.” (Fischmann, 17, 2012)

A educação como ferramenta de emancipação humana deve ser repensada a todo instante, visto trabalhar com uma diversidade infindável de indivíduos e culturas, às quais deveria servir. Qualquer imposição religiosa no ambiente escolar público, deve ser denunciada como crime, e combatida em nome da liberdade de crença e do direito de não crer, ou mesmo de descrever.

Codello (2007; :95), citando Proudhon, diz que “Quanto mais o homem é ignorante, maior é a sua obediência, e mais absoluta é a confiança em seu direcionamento...”. A imposição de ditames religiosos na escola pública baseia-se na ignorância para gerar ignorância, já que não está voltada para a libertação e autonomia do indivíduo. E se uma criança não pode preservar suas características e padrões culturais, e até sua liberdade de escolha, pode significar que a escola está moldando-a de alguma forma bem mais acentuada do que a que estamos habituados a ver e aceitar.

A escola, pública, portanto laica, deveria atender a todos de forma indiscriminada, tratando de propiciar a seus alunos um ambiente agradável e de respeito mútuo, onde a diversidade cultural prevalece como riqueza, e onde o indivíduo tem garantidas as suas particularidades, sem que sinta-se coagido ou ameaçado devido às suas crenças ou descrenças religiosas.

“[...] o caráter laico do Estado, que lhe permite separar-se e distinguir-se das religiões, oferece à esfera pública e à ordem social a possibilidade de convivência da diversidade e da pluralidade humana. Permite, também, a cada um dos seus, individualmente, a perspectiva da escolha de ser ou não crente, de associar-se ou não a uma ou outra instituição

religiosa. E, decidindo por crer, ou tendo o apelo para tal, é a laicidade do Estado que garante, a cada um, a própria possibilidade da liberdade de escolher em que e como crer, ou simplesmente não crer, enquanto é plenamente cidadão, em busca e no esforço de construção da igualdade.” (FISCHMANN, P.16, 2012).

Garantir a liberdade do indivíduo permitindo que ele mesmo possa ser responsável pelos seus atos, ações, escolhas e ideias é também responsabilidade da escola, visto acompanhar desde cedo o caminhar daquela criança, conhecer nuances de sua personalidade, e conviver as vezes por mais tempo com os alunos que os próprios pais. A diversidade deve ser encarada como uma das principais fontes de integração humana, e nunca, como fator de diferenças para justificar a tentativa de homogeneização religiosa como vemos hoje em algumas escolas.

OBJETIVOS

Esse estudo busca Investigar e compreender as principais circunstâncias em que ocorrem indução e imposição de valores religiosos por parte dos funcionários da educação, alheios ou contra a vontade dos educandos, apontando uma única religião como sendo “verdadeira” em detrimento às crenças ou descrenças dos alunos.

A escolha do pedagogo Francisco Ferrer y Guàrdia como inspiração, deu-se justamente devido à proposta de uma nova forma de pensar a educação, como sendo uma ferramenta de libertação, e a escola como sendo um espaço livre para aprendizagem, laico, racional e principalmente humanitário. Além dele, recorri às ideias e trabalhos sobre o ensino religioso obrigatório no Brasil, e valiosos outros estudos a ele relacionado, da professora Roseli Fischmann.

A partir desse estudo espera-se apontar alternativas e desenvolver propostas que estimulem e fortaleçam o respeito ao próximo, às diferenças, às liberdades de crença e de expressão. Ao direito de não crer e não ser discriminado; ao direito de não aceitar sem ser punido. Esses fatores se sobressaem quando a fé e a ciência se encontram nas escolas, e o que deveria ser apenas um encontro de diferenças, torna-se uma disputa entre diferentes, e onde deveria medrar conhecimento, vemos brotar mais conflitos.

HIPÓTESE

Algumas instituições educacionais atuam diretamente com o indivíduo desde a sua fase de desenvolvimento (físico, intelectual, moral ou político). A época das descobertas por si só sugere uma progressão contínua de novidades que pululam em suas cabeças o tempo inteiro. Na escola, essas descobertas evidentemente se acentuam, porém fica evidenciado que são direcionadas de forma a manter um certo padrão de funcionamento e normalidade.

Boas ou más, as escolas estão espalhadas por todo o mundo, cada uma a seu modo fazendo o possível para instruir conforme as necessidades se apresentem, para tanto contam com profissionais e técnicos que têm como função justamente colaborar para que a educação seja a melhor possível para o educando, a fim de que ele se desenvolva e tome parte na sociedade. Como parte de suas atribuições está a de garantir o direito e preservar as garantias legais conquistadas pelos indivíduos, além de lhe propiciar conhecimentos para que tomem (os alunos) parte na sociedade.

Dentre esses direitos está o da liberdade de crença, uma garantia constitucional no Brasil, que se não respeitada coloca em risco não só a integridade do indivíduo, das religiões, como também o funcionamento de uma nação, se porventura cair nas mãos de grupos religiosos extremistas. O resultado disso a história já se cansou de nos mostrar.

“Tão básico é o direito à liberdade de crença presente no foro íntimo de cada um, que qualquer ameaça, incluindo a que se volta para a própria possibilidade de sua existência, torna-se ameaça à integridade da identidade de cada um, de grupos e da própria sociedade.” (FISCHMANN, p. 17, 2012)

É certo que a escola pública de hoje, em grande parte, é administrada por adeptos de alguma corrente religiosa cristã, o que podemos considerar normal, devido a nossa formação de colonizados, e que conta entre seus profissionais com um grande número de também religiosos, ávidos por mudanças de comportamento, sedentos de almas para serem convertidas, e com “ferramentas morais” para consertar o mundo, que acreditam estar perdido.

O fato de serem religiosos e pertencerem a esta ou aquela denominação religiosa não os desabonam em absolutamente nada, nem os impedem de atuarem em suas funções sociais, inclusive, é esse é um direito constitucional, sabiamente garantido, e que ilustra bem o sentido de liberdade e respeito.

O principal aqui é que são profissionais da educação com formação suficiente(?) para integrar, educar, incentivar, despertar, disseminar conhecimentos e ajudar a construir uma sociedade que seja justa para todos, no entanto, alguns insistem em agir como criminosos em nome de sua pretensa única e verdadeira fé. Sabedores (deveriam ser), de que diversidade de povos, cultura etc, traz em seu bojo também, diversidade de crença, imperando assim no mínimo o respeito ao indivíduo e às suas características culturais.

Embora preparados e formados em escolas seculares, quando não, com princípios racionais, e atuando em escolas declaradamente laicas, em algum momento de suas vidas um determinado número de professores, diretores, coordenadores etc. optam por extrapolar o âmbito pessoal, no que se refere a fé, e invadem o campo social, na tentativa (às vezes até não intencional, porém não menos criminosa) de convencer, converter, coagir, impor sua forma de ver o mundo, de acordo apenas com o que pensa e crê, acreditando ser isso o correto para todos.

Tornou-se comum, professores pedirem aos alunos para porem-se de pé e fazerem uma oração antes de começar a aula. Tornou-se comum, em reunião de professores alguém solicitar permissão e convidar a todos para que se deem as mãos em uma oração, constringendo aqueles de crenças diferentes, e também os ateus. Tornou-se comum, apontar o dedo para o aluno e dizer que ele precisa de “Jesus” no coração.

Como contrariar o professor que propõe uma oração antes das aulas? Como dizer não, ao professor que frequenta a mesma igreja que seus pais? Como se dizer ateu quando o professor afirma que, quem não tem deus no coração é uma pessoa do mal? Como respeitar o professor que diz que minha crença não é a certa?

A escola atua como ferramenta de reprodução social, com base numa cultura dominante, e assim sendo, ela nunca se apresenta neutra em suas ações, pois carrega consigo as características dos agentes dominantes no seu campo de ação, ou seja, ela é quem determina. Parte dos profissionais também não

se importa com os aspectos e direitos das minorias, usando equivocadamente a seu favor o discurso da ditadura democrática da maioria, de que por ser um país de maioria cristã, essa tem privilégios em relação às outras crenças, uma afirmação que é não se caracteriza como verdadeira.

Não conseguem, estes profissionais da educação, separar suas crenças e sua visão de mundo, da realidade do mundo físico e sua dinâmica, desenvoltura e diversidade, e na sua tentativa de querer e se achar melhor ou especial devido a sua crença, acabam por coagir seus alunos, da mesma forma que fazem com seus filhos, impondo-lhes algo que não se prova, mas que apenas se sente, e não querem entender que sentir é fator de percepção íntima. Além do mais, existe o fator liberdade, o querer não crer, que é amplamente desrespeitado.

Chegam a ponto de em suas aulas omitirem fatos históricos, desmerecerem descobertas científicas, jogarem por terra anos de estudos de pesquisadores responsáveis, a fim de fazerem prevalecer suas crenças e sua fé. Não se preocupam em tentar estabelecer vínculos pacíficos e de convivência tranquila entre os que encontram respostas na ciência e os que encontram respostas na fé. Impedem a diversidade e o respeito, e estimulam a disputa, o constrangimento e a perseguição.

É que o universo da pesquisa científica tem dinâmica própria, voltada para a análise objetiva, a reflexão crítica e, de forma especial, a constante atitude de dirigir um olhar permanentemente indagador ao mundo e à vida. Já os universos religiosos – mais apropriadamente mencionados no plural, pois é impossível reduzi-los a qualquer unidade ou homogeneidade –, são marcados pela crença, por escolhas que se fazem a partir da fé, como fenômeno humano inescrutável.”(Fischmann, 29, 2012).

CONCLUSÃO

Observamos uma tentativa constante, muito embora inconsciente, de hegemonização e imposição religiosa no ambiente escolar público em algumas ações de docentes, seja em exemplos, nos discursos ou na cobrança de um modo de se comportar, se vestir e de se expressar. Isso não significa que todos os professores atuem para desmerecer a liberdade e autonomia do estudante, e sim, que devemos estar atentos àqueles que agem criminosamente dentro das escolas, mesmo que alegadamente estejam ‘querendo o melhor’ para o estudante.

Nestas ações alguns educadores sublevam as leis conscientemente, numa tentativa de convencer ou até mesmo ameaçar o estudante relacionando determinado comportamento com o fato de frequentar ou não alguma igreja. O argumento de que o aluno é obediente ou não pelo fato de ter ou não uma religião não é validado nem pela lógica, nem pela experiência e nem pelos fatos.

Caberia a esses profissionais da educação (felizmente não são todos), repensarem suas funções como formadores de opiniões e de futuros profissionais, usar de bom senso e de respeito, se não às leis do país, ao menos ao indivíduo, que está ali para aprender, o que não significa aprender qualquer coisa e de qualquer jeito, e pior, sob ameaça e coação.

Espera-se com este trabalho contribuir para a discussão dos princípios de autoridade nas escolas e propor novas alternativas de educação que visem dar autonomia aos educandos para que desenvolvam o senso crítico, que possibilitem o questionamento de seus papéis na sociedade, que não deve ser apenas o de dependência e submissão.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, José Carlos. **A Razão de Deus. Ciência e fé, criacionismo e evolução, determinismo e liberdade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** (org) Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos Para uma Teoria do Sistema de Ensino.** (trd) Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CODELLO, Francisco. **A Boa Educação – Experiências Libertárias e Teorias Anarquistas na Europa, de Godwin a Neill.** Vol. 1. São Paulo: Imaginário – Ícone, 2007.
- FERRY, Luc; JERPHAGNON, Lucien. **A tentação do Cristianismo – de seita a civilização.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- FISCHMANN, Roseli. **Estado laico, educação, tolerância e cidadania** : para uma análise da concordata Brasil-Santa Sé. São Paulo: Factash Editora, 2012.
- FISCHMANN, Roseli. **Ensino Religioso em Escolas Públicas: Impactos sobre o Estado Laico**, Roseli Fischmann (org.), 230 págs., Ed. Factash, 2008.
- FISCHMANN, Roseli. **Ainda o Ensino Religioso Em Escolas Públicas:** Subsídios para a elaboração de memória sobre o tema. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos2/ainda.pdf.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder.** São Paulo: Cortez, 2008.
- GALLO, Sílvio. **Pedagogia Libertária. Anarquistas, Anarquismos e Educação.** São Paulo: Imaginário – EDUA, 2007.
- GUÁRDIA, Francisco Ferrer. **La Escuela Moderna.** Espanha: Fábula Tusquets, 2009.
- MEDRADO, Antonio R. P. **O Brasil e o Ensino Religioso.** Artigo de pós-graduação em Ensino Religioso, na Uniandrade. Curitiba, 2014.
- STINER, Max. **O Falso Princípio da Educação.** São Paulo: Imaginário, 2001.

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Pai, poeta e pedagogo. Professor na rede pública de ensino de São Paulo.

INFLUÊNCIA DAS REDES DE APOIO SOBRE A PERCEPÇÃO DE BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS EM LUANDA

ELIZABETH HAMA FRANCISCO

LUÍS VENÂNCIO

RESUMO

Os recentes estudos da área da demografia apontam que o envelhecimento é um fenómeno mundial na actualidade. Angola vive uma transição demográfica assim como outras nações como: Brasil, China, Estados Unidos, França, Alemanha, Japão, África do Sul, Inglaterra, entre outros. Os idosos em Angola são cerca de 4,5% da população de acordo com o Ministério da Assistência e Reinserção Social (MINARS, 2012). Em Luanda, cerca de 1.003 idosos estão afectos ao Ministério de Reinserção Social, outros que representa a grande maioria permanece ao domicílio dos familiares e uns infelizmente encontram-se abandonados pelas ruas. Todos idosos que se encontram em lares têm algo em comum: nenhum deles foi aí parar por vontade própria. Uns foram através das igrejas, vizinhos, administrações municipais ou distritais e outros foram levados pelos familiares, que os abandonaram deixando-os nos portões e indo embora. Desta forma nasce a necessidade de se criar redes de serviços de apoio aos idosos com vista a proporcionar o bem-estar psicológico e qualidade de vida a estas pessoas. O artigo tem como base a pesquisa bibliográfica, já que consta da busca de diferentes livros, revistas, brochuras, entre outros documentos e objectivou investigar sobre a influência das redes de apoio na percepção de bem-estar psicológico e qualidade de vida das pessoas idosas em Angola e de modo particular olhando para a província de Luanda.

Palavras-chave: Bem-estar. Desenvolvimento. Idosos. Qualidade de Vida. Saúde.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um fenómeno mundial. Mas é preciso envelhecer com qualidade de vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (O.M.S., 2013), é considerado idoso o habitante dos países em desenvolvimento com 60 anos ou mais e o habitante dos países desenvolvidos acima de 65 anos. O artigo 82º da Constituição angolana ressalta que os cidadãos de 60 anos ou mais são considerados idosos e têm direito à segurança económica, habitacional, ao convívio familiar e comunitário e são interpelados a respeitar a sua autonomia e independência Constituição da República de Angola, (CRA, 2010).

Segundo Pintinho (2017), o «envelhecer em Angola não é fácil. A questão do envelhecimento é um flagelo. Em Angola morre-se muito». Ainda de acordo com o autor, Angola é dos países que em termos de envelhecimento não se consegue viver com dignidade (Pintinho, 2017).

Os dados do Censo populacional realizado em 2014 atentam que a população total de Angola é estimada em cerca de 27 milhões e actualmente (2022) este número pode estar perto de 33 milhões. Até em 2014 dos 27 milhões, 2, 4 % correspondia à pessoa idosa, o que representa aproximadamente

624 mil pessoas. Atualmente dos 33 milhões de população aproximadamente, 4,5% corresponde à pessoa idosa, o que representa aproximadamente 1.485 pessoas.

Infelizmente ainda muitas são as famílias que abandonam os seus parentes da terceira idade nos lares de acolhimento. Estes são deixados à sua sorte sem direito a visita e muitas dessas atitudes são movidas pela má concepção que a sociedade angolana tem dos idosos; alguma falta de socialização e sentimento de humanidade dos jovens em relação ao seu dever moral para com os mais velhos. Boa parte dos jovens angolanos, vê o idoso como obstáculo, daí fazerem tudo para denegrir a sua pessoa e acelerar o seu processo de envelhecimento, o que muitas vezes resulta na morte prematura. Fazem tudo para denegrir a sua posição, irritarem, acusando-no até de práticas de feitiçarias, inclusive querem que ele desapareça fisicamente para poderem herdar os seus bens. É necessário a criação de redes de apoio e medidas que promovam um desenvolvimento activo por vias de criação e efectivação de disposições legais que defendam os direitos dos idosos como é o caso do artigo 77º da (CRA, 2010).

A criação de mais redes de apoio às pessoas idosas poderá influenciar na melhoria de bem-estar psicológico e qualidade de vida das pessoas idosas. Pois, têm como propósito fazer frente a problemática dos idosos abandonados pelos seus familiares e deixados ao relento. A casa de apoio e acolhimento “Beiral”, em Luanda, não só serve para minimizar o sofrimento resultante do abandono como também para se melhorar a qualidade de vida dos mesmos. No caso de Luanda, o que mais leva ao abandono de idosos é a carência e a perda de valores morais que enfermam a própria sociedade.

O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é o tempo cronológico que alguém já viveu. Mas o envelhecimento é mais do que a passagem de anos. É o tributo que a passagem dos anos cobra do indivíduo, é primário quando ocorre ao longo de toda a vida, e secundário porque implica mudanças causadas por afecções ou enfermidades que podem estar relacionadas com a idade, vezes há em que alguns parecem mais jovens do que sua idade cronológica (Zacks, Haley e Blanchard-Fields, 2005).

Segundo Hess e Auman (2001),

A velhice é a soma de vários processos distintos entre si, os quais envolvem uma diversidade de factores físicos, psicológicos, sociais e culturais, portanto não pode ser considerada meramente a soma da idade cronológica, mas pela soma de eventos biológicos, psicológicos e sociais. Além das diversas modificações físicas inerentes ao próprio processo de envelhecer, também ocorrem transformações psicossociais, que não são exclusivas da pessoa idosa, mas também de seus familiares/ cuidadores (p.16).

O envelhecimento é um processo dinâmico, irreversível, lento e gradual, sendo a soma de vários processos entre si, envolvendo os aspectos biopsicossocial.

Conforme Xavier e Nunes (2015),

O que caracteriza um estágio do desenvolvimento são as transformações psíquicas do indivíduo, e estas por sua vez são determinadas pelas mudanças biológicas e pelas mediações do

indivíduo no contexto social, onde se processa o desenvolvimento e por isso o ser humano que envelhece necessita de cuidados, pois, o processo de envelhecimento acentua-se num estado qualitativo, onde as necessidades e preocupações individuais das pessoas com incapacidades (que envelhecem) resultam em factores determinantes da sua qualidade de vida e constituem-se em requisitos básicos para o alcance do bem-estar e do pleno desenvolvimento pessoal que se processa de forma activa para o alcance do bem-estar social, físico e psicológico (p.62).

Quer dizer que a qualidade de vida dos idosos é importante para se obter uma melhor vida social, corporal e mental. A maioria dos idosos não consegue continuar desempenhando uma vida activa, mesmo com uma saúde muito boa. Este é o primeiro impacto do envelhecimento para o indivíduo: a perda de seus papéis sociais e o vazio experimentado por não encontrar funções que o levem a exercer uma actividade.

ENVELHECIMENTO E SUAS CAUSAS

O envelhecimento é um fenómeno dinâmico, quer dizer um fenómeno de transformações que ocorrem durante o tempo em que a pessoa se desenvolve.

Segundo Martínez e García (1994), o conceito de bem-estar psicológico e social das pessoas idosas surgiu nos Estados Unidos (na década dos anos 80) para dar contribuição a uma adequada qualidade de vida às pessoas idosas. O encontro da sociedade Gerontológica Americana celebrado em 1986 mostra essa mudança, e aí eles falavam de envelhecimento exitoso. Este conceito, é baseado na noção de que as escolhas do estilo de vida que se leva ao longo dos anos têm um importante impacto no seu bem-estar, pois, refere-se principalmente aos aspectos sociais, que podem ser instrumentos que levam ao desenvolvimento da infraestrutura e incluem a maximização da qualidade de vida através do desenvolvimento total do potencial humano (Martínez et al., 1994). A necessidade de estudar o bem-estar vem relacionada com saúde, satisfação com a vida e enquadramento social. O envelhecimento depende de um conjunto de redes de apoio que envolvem indivíduos, familiares instituições e países, pois, compreender as evidências sobre esses factores faz com que o idoso obtenha êxito no seu dia-a-dia. Quando se fala de saúde e qualidade de vida dos idosos, está-se a relacionar o bem-estar a um envelhecimento digno, mas que, sofre a influência de múltiplos factores físicos, psicológicos, sociais e culturais.

Segundo a O.M.S. (2001), a expressão envelhecimento saudável é substituído por envelhecimento activo, definindo-se assim o processo como "optimização das oportunidades de saúde, participação e segurança com o objectivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas". Tal como define a Organização Mundial da Saúde (O.M.S.) (2001), saúde é o estado completo de bem-estar físico, mental e social. Neste caso, o estado de saúde percebido é um dos indicadores mais consolidados, já que quase sempre se quer saber como está o idoso e qual é o seu estado de saúde, como tem sido mau, regular ou bom? Apesar das medidas de percepção de saúde serem subjectivas, aceita-se uma estreita relação entre a valorização da saúde e outras consequências da mesma. Os idosos avaliam seu estado de saúde fundamentalmente como regular. No entanto, quando o envelhecimento vem acompanhado ou associado á várias doenças é considerado como péssimo e reina aí o negativismo o que contribui para a não satisfação com a vida.

O bem-estar psicológico e social é descrito como integrado por duas dimensões: a dimensão objectiva e a dimensão subjectiva. Ambas referem a capacidade do idoso de sentir-se satisfeito e capacitado para realizar várias actividades. O bem-estar emocional na velhice deve-se em parte as actividades das redes de apoio social organizadas. Quanto mais activas e envolvidas estiverem as redes de apoio social ao idoso, haverá um impacto mais positivo sobre a saúde mental e física, assim como sobre a longevidade.

As pessoas mais comprometidas com as redes de apoio tendem a ter auto-estima mais elevada. Para Rocha (2017),

O bem-estar social traduz-se na possibilidade de se conseguir recursos relativos à saúde e a manutenção da própria qualidade de vida, permitindo assim que o idoso adquira satisfação com a vida e uma boa auto-estima. O sentido de vida é a evidência de que as actividades diárias realizadas pelo idoso o ajudam a encontrar sentido e significado na vida, contribuindo assim para uma vida saudável e apresentando atitudes positivas em relação a si e aos outros (p. 73).

Importa referir que o estilo de vida inapropriado e os hábitos pouco saudáveis, também se associam à variações negativas, que proporcionam um estado de mal-estar pouco salutar.

As condições sócio-demográficas funcionam também como variáveis e indicadores do bem-estar sócio psicológico e físico onde a idade joga um papel indirecto.

A necessidade de atenção e cuidados que precisam as pessoas idosas que não podem fazer elas próprias a tarefa da vida quotidiana fazem-nos classificá-las como dependentes.

REDES DE APOIO E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E SOCIAL

O envelhecimento da população traz grandes preocupações, tanto é assim que houve a necessidade de se criarem condições de habitabilidade para se dar solução a um problema que é melhorar a qualidade de vida do idoso. Nesta vertente o nível de apoio circunscreve-se às comunidades, na sua acção laboral e pessoal, já que existe distinção entre as funções instrumentais e expressivas.

Segundo Rocha (2015),

De nada adianta ter a estrutura física adequada, dentro dos padrões estabelecidos, se os espaços são apenas meros depósitos de velhos, de nada adianta estar em família se o espaço reservado é o quartinho de despojo no fundo da casa ou na área de serviço do apartamento, de nada adianta cobrarmos respeito humano se ainda não aprendemos a respeitar o outro, nosso amigo, parente, cidadão idoso (p.75).

A percepção que os idosos têm sobre o apoio social assenta no facto de que os outros se interessam por eles, e que estão disponíveis a ajudar quando precisem, e isto suscita satisfação. Essa percepção leva-os a sentirem-se auto-suficientes e eficazes, já a sua percepção quanto ao apoio recebido torna-se satisfatória. Para Martínez, García e Maya (2001), o apoio social aparece nos últimos anos associado significativamente ao processo saúde/enfermidade. O deficiente apoio social relaciona-se ao

maior risco de enfermidade, patologia cardiovascular, saúde mental, e alterações imunológicas. A ajuda que se consegue receber através de redes de apoio é satisfeita quando se verificam que as áreas, afectivas, materiais de assistência física e a participação social trazem um completo grau de satisfação. O suporte social que as redes de apoio oferecem, reduz o isolamento e aumentam a satisfação com a vida das pessoas que nelas se encontram, já que as relações sociais são dinâmicas por natureza, e variam de pessoa para pessoa, de situação para situação, conforme o tipo de interacção existente entre elas. Os relacionamentos sociais são tão importantes para os indivíduos em todo o ciclo vital, e têm pesos diferentes de acordo com a época de vida das pessoas, dependendo do género, do status conjugal, da presença ou da ausência de filhos. Todos estes aspectos combinam seus efeitos aos efeitos da estrutura e da função da rede social, em diferentes momentos da vida (Hess & Auman 2001).

Há a necessidade de se melhorar a ajuda para assim contribuir para o bem-estar e a satisfação com a vida. Apesar de só há alguns anos para cá se fazer notar o papel que desempenham as redes de apoio social ao idoso, no nosso país (Angola), é notória a contribuição que dão para a satisfação do idoso com sua vida e também a percepção do bem-estar psicológico.

IMPORTÂNCIA DAS REDES DE APOIO SOCIAL AO IDOSO

As redes de apoio social ao idoso são de extrema importância, pois, não só contribuem para o bem-estar psicológico e social assim como também, aumentam a qualidade de vida do idoso, a satisfação do mesmo com a vida.

As redes de apoio ao idoso são um factor de desenvolvimento e de sucesso, já que as actividades nelas exercidas melhoram a qualidade de vida do idoso, a sua autonomia assim como a sua auto percepção. É importante que exista a relação entre as redes de apoio social e o idoso na sociedade para que se possa estudar esse estrato social como um grupo específico, dotado de cada vez maior relevância estatística e social, acerca do qual é absolutamente necessário saber mais para um melhor enquadramento (Gurung, Taylor & Seeman, 2003). A importância de se ter atenção com os idosos que estão institucionalizados como é o caso dos que se encontram no lar do beral, assim como os que não estão, é uma forma de avanço progressivo que enquadra o envelhecimento da população e o aumento da esperança de vida, tendo sempre presente que o ser humano é inseparável do seu mundo vital. (Frieswijk, Buunk, Steverink & Slaets, 2004, 87). Nesta vertente é importante estabelecer uma relação onde se cria um clima de respeito e confiança, o que, dá lugar, a que, as pessoas não se sintam em nenhum momento, invadidas nem julgadas, de maneira que possam expressar livremente suas angústias, medos e preocupações.

O envolvimento das redes de apoio social ao idoso influencia na percepção de bem-estar e na qualidade de vida do próprio idoso. Constitui um factor de desenvolvimento que contribui para o bem-estar psíquico e social do idoso. Defende a necessidade de uma sociedade superar as dicotomias de posicionamento e actuação no modo como tratar ou lidar com o idoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes de apoio social ao idoso bem como a assistência prestada por algumas organizações não-governamentais (ONG) contribuem para a manutenção e promoção do bem-estar do idoso. As actividades das redes de apoio e integração dos idosos devem ser consideradas primordiais e essenciais no contexto nacional (Angolano), concebidas e implementadas numa perspectiva integradora. Pois, para além das instituições estatais e das organizações não governamentais, todos os que fazem parte do processo devem

sentir-se envolvidos e com a obrigação de participarem e contribuírem para o bem-estar psicológico do idoso. Os programas relacionados e concebidos no âmbito do processo da criação das redes de apoio relativas ao idoso devem contemplar para além da vertente física, psicológica e espiritual a dimensão social, cultural e material que apoie e contribua para a manutenção e segurança dos idosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CENSO. Disponível em: http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Definitivos%20Censo%20Geral%202014_Versao%202032016_DEFINITIVA%2018H17.pdf. Data de acesso: 10/11/2022, 2014.
- Constituição da República de Angola. Disponível em: <http://tribunalsupremo.ao/wp-content/uploads/2018/05/constituicao-da-republica-de-angola.pdf>. Data de acesso: 09/11/2022, 2010.
- FRIESWIJK, N., BUUNK, BP, STEVERINK, N., & SLAETS, J.P.J. O Efeito da Comparação Social de Informações sobre a Satisfação com a Vida de Idosos Frágeis. **Psicologia e Envelhecimento**, 19 (1), 183-190. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.19.1.183>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0882-7974.19.1.183>. Data de acesso: 10/11/2022, 2004.
- GURUNG, R. A. R., TAYLOR, S. E., & SEEMAN, T. E. Accounting for changes in social support among married older adults: Insights from the MacArthur Studies of Successful Aging. **Psychology and Aging**, 18(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.18.3.487>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2003-07824-014>. Data de acesso: 04/12/2022, 2003.
- HESS, T., AUMAN, C. **Envelhecimento e experiência social: o impacto das informações de diagnóstico de traços nas impressões dos outros**. Psicologia. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Aging-and-social-expertise%3A-the-impact-of-on-of-Hess-Auman/67c9847fdb3e62685f92a35b8d572e5e5993f3f#references>. Data de acesso: 03/12/2022, 2001.
- MARTÍNEZ, M. F. G., GARCIA, M. R., MAYA, I. J. **Uma tipologia analítica das redes de apoio social em imigrantes africanos na Andaluzia**. Reis 95 (95). DOI: 10.2307/40184352. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28147120_Una_tipologia_analitica_de_las_redes_de_apoyo_social_en_inmigrantes_africanos_en_Andalucia. Data de acesso: 07/12/2022, 2001.
- MINISTÉRIO DA ASSISTÊNCIA E REINserÇÃO SOCIAL. **Agenda Nacional sobre os idosos em Angola**. Luanda: Editora Angop, 2012.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Diretrizes da OMS sobre política de saúde e apoio sistémico para a otimização de programas de agentes comunitários de saúde**. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/275474/9789248550362-por.pdf?ua=1>. Data de acesso: 03/11/2022, 2013.
- PINTINHO, M. **Envelhecer em Angola é um flagelo**. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/envelhecer-em-angola-e-um-flagelo/3925063.html>. Data de acesso: 09/11/2022, 2017.
- ROCHA, A. P. M. F. (2017). **O auto-conceito dos idosos**. Universidade de Lisboa.
- XAVIER, A. S., NUNES, A. I. B. L. **Psicologia do desenvolvimento**. 4ª Ed. rev. e ampl. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- ZACKS, J. C., HALEY, C., BLANCHARD, F. **Desenvolvimento adulto e Envelhecimento**. Wadsworth, Cengage Learning. 6ª Ed, 2005.

Elizabeth Hama Francisco, Licenciada em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-LUANDA), na opção de Psicologia, Mestre em Psicologia Social e Evolutiva pela Universidade de Valência, na vertente de Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social, Doutorada em Psicologia Social e Evolutiva na vertente de Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social pela Universidade de Valência e Docente de Psicologia, Desenvolvimento Curricular e Prática Pedagógica no Departamento de Ciências da Educação, Instituto Superior de Ciências da Educação, (ISCED-LUANDA).
E-mail: betyhama@gmail.com

Luís Venâncio, Licenciado em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-LUANDA), na opção de Pedagogia. Mestrando em Ciências da Educação na Especialidade de Administração Educacional. Docente. Fundador da AEPEX - Academia de Excelência Profissional e Exclusividade, exercendo o cargo de Coordenador Geral. Membro da Comissão Nacional de Jovens Voluntários de Angola. Palestrante em matérias de Gestão Escolar e Aperfeiçoamento Profissional. Acompanhante de Crianças com Dificuldades na Aprendizagem.
luisvenanciovenancio332@gmail.com - (+244)936.486.420 / 935.076.916

A ARTE E A CULTURA DIGITAL NO PROCESSO EDUCATIVO

LUCICLEIDE PEREIRA DOS SANTOS

RESUMO

O desenvolvimento humano ocorre dentre outras situações por meio da Arte. Fomentar as artes no processo educativo significa dar liberdade ao estudante, sempre se atentando a proposta e a resposta do mesmo durante as atividades, tratando este como um recurso, explorando ainda o potencial criativo que ele pode trazer durante a aprendizagem. A expressão artística, em especial a partir da Ciberultura, permite a ação do cognitivo, facilitando a sua expressão, pois, pode-se brincar e se comunicar facilmente através das linguagens artísticas e do contato com as tecnologias, por exemplo. Portanto, o presente artigo busca refletir as contribuições que a Arte traz para desenvolver o potencial dos estudantes, já que o sujeito aprende nas interações com os outros e com o meio ambiente. O método utilizado para esta pesquisa foi qualitativo, justificada pela necessidade de refletir sobre as contribuições que a Arte realiza para o desenvolvimento da aprendizagem, assim como uma análise de diferentes construções da Cultura Digital tendo a disciplina como referência e as diferentes linguagens que moldam a expressividade, bem como do aprofundamento das aprendizagens artísticas e digitais.

Palavras-chave: Contribuições. Educação. Ensino Fundamental II. Oficinas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute sobre a “Arte e Cultura Digital”, pensando nas produções artísticas e a criação de conteúdos midiáticos nos dias atuais. A Arte/educação tornou-se uma ferramenta necessária para o ensino e aprendizagem da disciplina, resultando inclusive na possibilidade de se expressar e exercitar ideias:

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: a criança desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2000, p. 19).

Na atualidade, a introdução da cultura digital tornou-se significativa, compreendendo o campo das Artes como a dança, o teatro, as artes visuais, dentre outras manifestações, a partir do suporte de ferramentas tecnológicas para as práticas pedagógicas, como a educação em ciberultura.

Para a abordagem do tema na escola, a ideia é desenvolver projetos de intervenção voltados para a inserção da cultura digital, inicialmente com base na alfabetização digital.

A Arte possibilita o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades, pois, a disciplina possui a capacidade de apresentar um olhar diferenciado para a diversidade. Ainda, no caso da Arte e Cultura Digital, existem propostas flexíveis e discussões que levam o professor a repensar suas práticas, buscando contemplar a diversidade de produções artísticas, bem como as múltiplas concepções que definem esse tipo de conhecimento.

Desta forma, o objetivo geral do presente artigo é realizar uma discussão sobre o ensino de Arte e a inserção da cultura digital em sala de aula, em especial junto aos estudantes do Ensino Fundamental II, público-alvo do trabalho; e como objetivos específicos, discutir sobre Cibercultura como suporte para o estudo da Arte e as necessidades dos estudantes a fim de favorecer o desenvolvimento de diferentes aptidões sociais e técnicas.

DISCUSSÕES SOBRE A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A complexidade do papel da tecnologia, como uma série de atividades práticas, na sociedade contemporânea e suas implicações sociais começaram em meados do século XVII com a primeira revolução científica e tecnológica, mais conhecida como Revolução Industrial, em que a produção manual foi substituída pela produção em massa na indústria.

Nesse sentido, no contexto do progresso científico em prol dos negócios e da indústria, a escola se estabelece como potencializadora de processos educativos baseados em exigências industriais e não em valores humanos. Procura-se adaptar os sujeitos às questões sociais e prepará-los para o mercado de trabalho. Assim, a escola nesse momento parece produzir mão de obra para o mundo moderno (DUARTE JUNIOR, 2007).

Depois da revolução industrial, aconteceu a segunda revolução científica e tecnológica, iniciando-se na segunda parte do século XIX e dando continuidade à primeira revolução, cujas principais características são descobertas como o aço, a eletricidade, o petróleo e a indústria química. Essas descobertas levaram, assim, à evolução e ao desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte e criaram possibilidades para sistemas de produção em massa.

Logo depois, na segunda metade do século XX, surge a terceira revolução científica e tecnológica, que pode ser chamada de revolução microeletrônica, tendo o computador como protagonista desse processo.

Processos que modernizaram os fatos ocorridos durante as revoluções científicas, demonstraram descobertas que avançaram os meios de comunicação e transporte e criaram a impressão de encolhimento do espaço global.

Atreladas ao capitalismo, as revoluções científicas impulsionaram os sujeitos para novos modelos de vida baseados no mercado e na indústria, encaixando-o em um processo de vida mecanizada e consonante com toda descoberta científica, não tão produtor de ciência e conhecimento, mas apenas como um consumidor.

Nesse processo de (sub)imersão tecnológica do sujeito, ganha força o conceito de cibercultura, definido por Lemos (2004, p. 17), como: “a conexão da cultura contemporânea com as tecnologias digitais, que conecta a tecnologia com a vida social”.

Assim, a cultura digital caracteriza-se pela infinidade de dispositivos tecnológicos como telefones celulares, cartões de crédito, internet, Mp3, Mp4, Mp5, agendas eletrônicas, entre outros. Embora tais dispositivos também representem o auge do consumo, a cibercultura trata principalmente de uma nova forma de lidar com a informação e o conhecimento, o que implica uma nova forma de lidar com o espaço e o tempo. Para Lemos (2004, p. 12): “a cibercultura é a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre sociedade, cultura e novas tecnologias”.

No entanto, a essência da cibercultura é a comunicação em rede e isso descentraliza o poder de disseminação da informação e do conhecimento. Embora revolucionária nesse sentido, a cultura digital por si só não configura uma ação social mais humana e sem meros objetivos de marketing, pois, historicamente está destinado a não se sentir como um ‘hub’ de nenhuma rede. Portanto, o computador em rede é, sem dúvida, essencial nesse processo. No entanto, o acesso a dispositivos tecnológicos não é necessário para ser inserido na cibercultura.

As tecnologias que geraram a cibercultura são essencialmente comunicativas. Acima de tudo, a cibercultura tem uma lógica de comunicação diferente da analógica e baseada na rede, liberando os polos de envio e recebimento de informações. O potencial democrático e talvez educativo das relações sociais na cibercultura reside justamente na possibilidade das novas tecnologias da informação que agora competem com a dinâmica da comunicação radiodifundida ao dar a todos o poder de transmitir.

A informação, anteriormente, era privilégio apenas da grande imprensa. Essa nova lógica de emissão e recepção materializa a ideia de rede. Os dispositivos tecnológicos que permeiam a cibercultura estão reinventando os conceitos de tempo e espaço, que agora não tem fronteiras nem limites. O tempo real é o tempo do planeta onde quer que se esteja. As transações econômicas são aceleradas em menos de um segundo e sem se mover geograficamente ou espacialmente.

Sobre as tecnologias da informação: “[...] têm um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico” (SANTOS, 2010, p. 25).

Nessa concepção, há uma histórica mudança em relação à introdução dessas tecnologias no mundo, que: “permite saber de qualquer lugar o que é o que está acontecendo no outro” (SANTOS, 2010, p. 28); então, tais tecnologias encurtam o espaço que redefinem o tempo através de oportunidades de emissão em tempo real. A velocidade com que a informação é processada está recriando a dinâmica dos eventos em termos de tecnologias de rede. Essa dinâmica é recriada de forma interativa e participativa.

SOBRE A ARTE NA EDUCAÇÃO

Os professores enxergam a Arte como uma maneira de expressão e linguagem que deve ser estimulada, pois favorece o desenvolvimento do aprendizado. Sobre a influência da disciplina na evolução dos estudantes, estes podem liberar inibições, desenvolver a capacidade de criar, a imaginação e a autoconfiança. Quando a mesma torna parte da programação educacional é de suma importância enfatizar a necessidade de esmiuçar o ensinamento da mesma com o objetivo de promover uma aprendizagem expressiva.

Segundo Ferraz e Fusari (1993), desde o nascimento, a criança é colocada frente a um conjunto de conceitos desenvolvidos por gerações anteriores a ela, e no momento que inicia a escola, participa de práticas culturais de seu grupo reedificando os conceitos físicos, psicológicos, sociais, estéticos e

culturais. Este mundo fictício é conhecido e remodelado através da convivência e do acesso a diferentes modos de compreender e agir, além dos códigos, incluindo os artísticos:

[...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ e FUSARI, 1993, p. 42).

Criar e organizar significados para o mundo de símbolos é um desempenho criativo, próprio e comunitário. À medida que o estudante reconstrói o significado dos conhecimentos para si, ele articula experiências externas em sua forma de perceber e ler o mundo. Nesse sentido, não só demonstra o que compreende, mas, gera outros sentidos como a pressuposição para preencher as lacunas em sua compreensão de mundo e articular seu próprio significado ao que observa e entende.

Ao relacionar-se com o ambiente artístico, estético e comunicativo, ele se conecta com a sociedade e a cultura que atravessa a formação do sentido estético. Gostando ou não, é compreensível que os estudantes já estão experimentando a produção artística produzida pelos homens. É óbvio que esta Arte exerce influência sobre eles, influências estéticas. Percebe-se também que eles interagem com ela de diferentes maneiras (FERRAZ e FUSARI, 1993).

As crianças criam contato com o mundo ainda na infância, e se interligam na afetividade, cognição, motricidade e na construção de um conjunto distinto de formas, texturas, cores, gostos, sons e gestos, atribuindo-lhes diferentes significados e organizações para este mundo.

O professor deve levar em consideração esses significados já construídos e enfrentar a dificuldade de reconstruir outros. A capacidade de expressão da criança envolve a construção da linguagem e das formas de comunicação que são praticadas no grupo que estão inseridos (PIRES, 2009).

Por intermédio da ação, a criança capacita e experimenta meios de estar no mundo. A evolução da expressão dos estudantes ocorre juntamente com o seu melhoramento perceptivo, afetivo e intelectual, resultado da prática da cognição do mundo. Essa prática de conceituar com base em experiências sensoriais e/ou físicas ajuda a vivenciar o mundo dos símbolos ampliando experiências e percepções que fornecem objetos representativos da criança e que se dá nas relações sociais e não apenas com ela.

O professor enriquece as experiências dos estudantes com conhecimentos artísticos e estéticos trabalhando para melhorar a possibilidade de percepção. Isso acontece quando eles são orientados a observar, olhar, ter contato com a natureza e os objetos ao seu redor:

Assim sendo, os estudantes estão continuamente criando, experimentando e interagindo com a Arte de alguma forma explícita ou não explícita. Por isso, é importante compartilhar informações para que eles reconheçam e percebam características primordiais para o processo criativo.

Na fase educativa da primeira infância, atividades artísticas com ricas possibilidades contribuem para o seu desenvolvimento, pois, fornecem diversos materiais manipulativos que trabalham as Artes Visuais de maneira espontânea a partir de brincadeiras (FERRAZ e FUSARI, 1993).

No Ensino Fundamental II, teatro, dança, pintura, desenho e outras atividades engajam os estudantes a se expressarem artisticamente, comunicando e transformando suas vidas como potenciais criadores com base em diferentes linguagens (PIRES, 2009).

É preciso proporcionar ao estudante oportunidades de expressão pessoal espontânea, para que ele possa fazer uma análise da atividade trazendo assim contribuições para o seu desenvolvimento. Deve-se oferecer atividades artísticas que expressem pensamentos e sentimentos através de símbolos; daí a importância de planejar, dirigir e avaliar atividades nas quais o professor torna-se um mediador que busca sempre recursos e metodologias para pesquisar a Arte durante as aulas e assim contribuir para o aprendizado de seus estudantes:

É necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por Arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus estudantes a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes (IAVALBERG, 2009, p. 12).

A exposição aos conteúdos de Arte oferece aos estudantes oportunidades de explorar, conhecer, brincar, além de desenvolver uma transformação que promova uma conexão com o real, ajudando assim a aumentar sua compreensão de si mesmos e do mundo em que se encontram, para melhorar enquanto experimentam realidade e fantasia. O foco está na compreensão da Arte com base na experimentação e na brincadeira, no qual os estudantes podem desenvolver uma avaliação pessoal de suas construções.

Com base nas atividades artísticas, o estudante desenvolve sentimentos como a autoestima, além de analisar, avaliar e interpretar o simbólico, desenvolvendo habilidades específicas que envolvem a Arte. No início da Educação Básica, eles exploram muitos sentidos com as crianças porque estão na fase concreta onde suas experiências são enriquecidas.

Estimuladas as habilidades nesse período, facilita-se o ensino e aprendizagem ao longo do Ensino Fundamental I e II, pois a imaginação e a percepção são desenvolvidas, facilitando a compreensão das diversas áreas do currículo (IAVALBERG, 2009).

A Arte é indispensável na Educação Básica e, em especial no Ensino Fundamental II porque representa experiências significativas e reais para os estudantes. Dessa forma, a mesma funciona como objeto de ensino para desenvolver a cognição, a intelectualidade e a emoção, necessitando de conhecimento e sensibilidade por parte do professor, indispensáveis durante as aulas.

Ele deve estar ciente de seu papel no ensino da disciplina, devendo estar vinculado aos interesses dos estudantes, ao que devem aprender, pois precisam desenvolver suas próprias experiências, transformando e dando sentido à Arte em suas vidas para algo que aparentemente não se compreende, e onde essa prática torne-se uma ferramenta pedagógica que ajude a construir essa história.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz vivências e experiências artísticas como as que envolvem a prática social, possibilitando aos estudantes o protagonismo e o poder de desenvolver a criatividade. O documento discute ainda, o compartilhamento de aprendizagens e produções, tornando o estudante protagonista do seu próprio conhecimento, fazendo com que ele se desenvolva através de diferentes eventos artísticos e culturais, como a participação em projetos, incluindo o uso da cibercultura, seja dentro da escola ou fora dela (BRASIL, 2017).

DISCUTINDO SOBRE A APLICAÇÃO DA ARTE E CULTURA NAS ESCOLAS

A disciplina de Arte pode envolver o desenvolvimento de projetos a serem trabalhados com as turmas dentro do tema de Arte cultura. Pode-se, por exemplo, considerar a Arte contemporânea e a digital como a construção de sites e filmes, envolvendo a Arte interativa e colaborativa.

Pode-se desenvolver diferentes habilidades junto aos estudantes pensando em atividades interessantes como oficinas de animação, a partir da criação de um roteiro, com personagens e cenário, fotografando as cenas, visualizando-as e promovendo a interação entre os grupos; oficina de videoArte, com a transmissão de imagens digitalizadas e com fundo sonoro que possuam sentido e sequência; oficina de Web Design, para a montagem de layout de páginas web, estruturação, publicidade e conteúdo; e oficina de instalação, a partir da criação de projetos artísticos multimídia em espaço virtual e real, construindo ambientes criativos interativos (SANTOS, 2010).

Todas essas atividades trazem como objetivo, produzir Arte na mídia contemporânea, refletindo sobre Arte na cibercultura, contribuindo para desenvolver o senso crítico e os questionamentos envolvendo as técnicas artísticas.

O trabalho pode ser baseado no que afirma MERLEAU-PONTY (1971, p. 1): “a fenomenologia é o estudo da essência”. O método traz uma abordagem humanista da educação. Do ponto de vista fenomenológico em relação a aprendizagem, o ser humano é entendido como um ser único, singular, com sua própria história de vida, visão de mundo, o que se tornam fatores determinantes para seu processo de aprendizagem.

Assim, desenvolver oficinas de criação ultrapassam a busca por soluções universais quanto ao uso da tecnologia e da Arte na educação. É preciso compreender a essência de tais tecnologias e colocá-las em diferentes contextos, onde os significados que cada indivíduo envolvido possui sobre tais instrumentos devem ser levados em consideração.

A Arte técnica promove processos educativos de inclusão digital, onde envolve experiências sensíveis e de autoexpressão, em que é entendida não só como a produção do belo, mas, como elaboração estética que envolve significados por meio de uma tecnologia específica. Nesta elaboração e concretização de sentidos, pressupõe-se um sentido crítico e indagador que inclui a reflexão sobre o que é ou não relevante para a produção artística, ou como as tecnologias contemporâneas promovem e mediam a Arte (LE MOS, 2004).

Um aspecto que parece ser destacado é o modismo do fenômeno tecnológico. Essa moda decorre da falta de importância que algumas comunidades têm diante de aparelhos tecnológicos que são inutilmente desnecessários, assim, é preciso fazer sentido para o grupo e não para o proponente (SANTAELLA, 2013).

A arte geralmente tem uma função consumidora e na maioria das vezes não respeita as especificidades de cada pessoa, encaixando-se apenas como verdade. Esta é importante quando se aprende e desenvolve a capacidade de questioná-la. Portanto, a inclusão digital tem um papel educativo quando propõe o autoquestionamento dos estudantes como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada cujo fio condutor são questões relacionadas à Arte, cibercultura e a ação autônoma do estudante diante de um mundo permeado por tecnologias, traz a análise e a proposta de mecanismos de inclusão digital que conferem a estes o poder de produção, conhecimento e informação.

Descobriu-se, no entanto, que este tipo de abordagem ainda não é dominante, uma vez que o foco não está na tecnologia, mas nas pessoas. A abordagem humanista poderia permear todas as propostas que tenham a tecnologia como mediadora de processos dialógicos, humanos e autônomos, onde dessa forma a inclusão digital apresente um caráter voltado para as necessidades das pessoas e não as da sociedade do consumo.

Dessa forma, a inclusão digital precisa estar vinculada a outras áreas, pois sozinha ela não faz o menor sentido.

Dentro da cibercultura, torna-se importante que os estudantes criados nesse contexto questionem, produzam e critiquem a inserção de dispositivos tecnológicos em suas vidas. Nesse sentido, a Arte produzida por esses aparatos tecnológicos, mesmo que rudimentares, pode indicar um sujeito mais criativo, deixando as técnicas tradicionais de expressão para a capacidade de perceber que a Arte pode ser feita com base em qualquer matriz.

Por outro lado, a Arte da cibercultura incentiva mais do que diversificar materiais e técnicas. Possibilitada pela tecnologia digital, tem em sua essência o potencial do diálogo.

Seu significado é baseado em conceitos e não apenas em técnicas. O estudante que produz Arte cibernética não manipula apenas cores, formas e texturas. Ele vai manipular as situações. Dessa forma, o estudante tem segurança e pode perder a sensação de indisponibilidade que a mídia transmite por meio de situações destinadas a manipular o espectador.

O estudante entenderá que sua posição de observador é apenas uma questão de tempo ou escolha. Para isso é preciso que as atividades artísticas dentro da escola tenham caráter educativo e sejam desburocratizadas. Que os cursos de Arte sejam oficinas eternas, laboratórios gratuitos e permanentes. Nesse sentido, a Arte digital pode desempenhar um papel educativo significativo. É precisamente o espaço que promove o diálogo aberto e criativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Caracterização da área de arte. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Cap.1, p. 19-43.
- DUARTE JUNIOR, J.F. **Por que arte-educação?** 2007, 6 ed.- Campinas, SP: Papirus.
- FERRAZ, H.; FUSARI, M.F. de R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.
- IABELBERG, R. **Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LEMOES, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- PIRES, E. **Proposta Curricular da Educação Infantil**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2009.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 265-284.
- SANTOS, E. Educação online para além da EaD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco et al (orgs.). **Educação on-line: cenário, formação e questões didático-metodológicos**. Rio de Janeiro: Walk, 2010.

Lucicleide Pereira dos Santos - cursando Artes Visuais pela Universidade Italo Brasileiro. Formada em Magistério pelo Colégio Antônio Carlos Magalhães, ACM, BA. Pedagogia Plena pela Universidade Bandeirantes de São, UNIBAN, SP. Pós Graduada em Educação Inclusiva pela Universidade XV de Agosto. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



JOGOS E BRINCADEIRAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

MARILENE PEREIRA DA SILVA

RESUMO

O presente artigo discute acerca da importância dos jogos e brincadeiras na aprendizagem e desenvolvimento infantil, por meio do lúdico a criança constrói o conhecimento e desperta a vontade de aprender. O valor pedagógico dos jogos é incontestável, as brincadeiras e os jogos são atividades indispensáveis para o desenvolvimento da criança. É por meio do brincar que ela pensa e reorganiza as situações cognitivas que vivencia. Portanto, os jogos podem ser utilizados pelo professor de forma espontânea ou dirigidos, a fim de propiciar a aprendizagem, tornando-se necessária uma reflexão por parte de todos os sujeitos envolvidos com a Educação Infantil. O papel do professor vai muito além de mostrar conhecimento aos alunos, vem através do incentivo para incorporar os jogos e brincadeiras como estratégias e alternativas no processo pedagógico. Concluímos que o lúdico é um recurso muito importante e possibilita a criança o desenvolvimento nessa etapa tão importante e significativa da primeira infância. A brincadeira na infância possibilita diversas aprendizagens, desenvolvendo habilidades relacionadas ao âmbito da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade.

Palavras-chave: Aprender. Brincar. Desenvolvimento. Lúdico. Professor.

INTRODUÇÃO

Os jogos e as brincadeiras vêm ganhando espaço e importância em todas as abordagens referentes à infância, sobretudo como recurso para o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades cognitivas, sociais, afetivas e motoras. São considerados entre pedagogos, professores e psicólogos como importantes instrumentos de motivação para o desenvolvimento da linguagem oral, escrita, raciocínio lógico-matemático, entre outras capacidades. Na atualidade, observamos que uma diversidade de atividades lúdicas permeia a vida de nossas crianças, em casa e na escola. Diferente de décadas atrás, as crianças hoje possuem acesso aos mais diferentes tipos de brincadeiras e jogos, desde os tradicionais até os mais sofisticados tecnologicamente.

A inserção da criança na instituição da Educação Infantil representa uma das oportunidades de ampliar os seus conhecimentos nesta nova fase de vida, ela vivencia aprendizagens inéditas que passam a compor seu universo, que envolve uma diversidade de relações e de atitudes; maneiras alternativas de comunicação entre as pessoas; o estabelecimento de regras e de limites e um conjunto de valores culturais e morais que são transmitidos a elas.

A aceitação e a utilização de jogos e brincadeiras como uma estratégia no processo de ensinar e do aprender têm ganhado força entre os educadores e pesquisadores nesses últimos anos, por

considerarem, em sua grande maioria uma forma de trabalho pedagógico que estimula o raciocínio e favorece a vivência de conteúdos e a relação com situações do cotidiano.

O jogo como estratégia de ensino e de aprendizagem em sala de aula deve favorecer a criança a construção do conhecimento científico, proporcionando a vivência de situações reais ou imaginárias, propondo à criança desafios e instigando-a a buscar soluções para as situações que se apresentam durante o jogo, levando-a a raciocinar, trocar ideias e tomar decisões.

A INFLUÊNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA APRENDIZAGEM

Os jogos e as brincadeiras vêm ganhando espaço e importância em todas as abordagens referentes à infância, sobretudo como recurso para o desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades cognitivas, sociais, afetivas e motoras. São considerados entre pedagogos, professores e psicólogos como importantes instrumentos de motivação para o desenvolvimento da linguagem oral, escrita, raciocínio lógico-matemático, entre outras capacidades.

Segundo Oliveira:

Através da brincadeira, a criança pequena exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e de distinguir entre pessoas, possibilitadas especialmente pelos jogos de faz-de-conta e os de alternância respectivamente. Ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característico de seu pensamento verbal. (OLIVEIRA, 2011, p. 164).

O jogo com intuito pedagógico, pode nos direcionar a muitos caminhos e para alcançarmos resultados positivos, é necessário conhecer bem à turma e observá-los antes e depois da realização dos jogos, sempre levando em consideração que o aluno tem sua singularidade é subjetivo, para que possamos atender suas necessidades específicas e a partir dessas percepções, organizarmos o processo de aprendizagem. E o jogo confeccionado pela criança, dará a ela mais segurança e prazer em jogar, além de desenvolver suas habilidades e potencialidades. Se observarmos a criança em seus momentos de interação sozinha ou em grupo, ela estará sempre brincando ou com algum objeto ou imaginando alguma situação de seu cotidiano. O professor deverá mediar de forma positiva esse processo de construção do conhecimento, o lúdico como recurso pedagógico será um facilitador no trabalho pedagógico em sala de aula. Através dos jogos e brincadeiras a criança é desafiada a desenvolver sua criatividade, por meio do lúdico ela desperta a vontade de aprender ela é inserida na cultura e na sociedade e através das regras, aprende a viver em grupo.

O brincar de faz de conta, o jogo de símbolo, é muito importante para a primeira infância, através desses jogos as crianças vão se apropriando da realidade, nesse aspecto, o professor deve propor atividades que vise desafios, regras de convívio e valores como respeito, pelos jogos a criança assimilará conceitos. O brincar não é um ato apenas infantil, percebemos que quando as crianças brincam, os adultos contemplam com olhares de saudosismo, penso que talvez, se lembrando dos tempos de criança

e as brincadeiras de sua época. O brincar direcionado a aprendizagem contribui com o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, e psicomotor, o brinquedo dá suporte ao brincar. O jogo estimula o desenvolvimento de muitas áreas importantes, o raciocínio é uma das mais desenvolvidas. Utilizando o lúdico como recurso pedagógico, aos poucos a criança conquista autoconfiança de seus limites e possibilidades, pelo brincar a criança aumenta seu potencial sensorial e motor, logo, ela cria possibilidades aumentando a interação com os colegas, com o meio e o grupo a qual está inserida, construindo sua personalidade.

Através dos jogos e brincadeiras a criança é desafiada a desenvolver sua criatividade, o lúdico desperta a vontade de aprender ela é inserida na cultura e na sociedade e através das regras, aprende a viver em grupo. O brincar de faz de conta, o jogo de símbolo, é muito importante para a primeira infância, através desses jogos as crianças vão se apropriando da realidade, nesse aspecto, o professor deve propor atividades que vise desafios, regras de convívio e valores como respeito, pelos jogos à criança assimilará conceitos. O brincar não é um ato apenas infantil, percebemos que quando as crianças brincam, os adultos contemplam com olhares de saudosismo, penso que talvez, se lembrando dos tempos de criança e as brincadeiras de sua época. O brincar direcionado a aprendizagem contribui com o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, e psicomotor, o brinquedo dá suporte ao brincar. O jogo estimula o desenvolvimento de muitas áreas importantes, o raciocínio é uma das mais desenvolvidas. Utilizando o lúdico como recurso pedagógico, aos poucos a criança conquista autoconfiança de seus limites e possibilidades, pelo brincar a criança aumenta seu potencial sensorial e motor, logo, ela cria possibilidades aumentando a interação com os colegas, com o meio e o grupo a qual está inserida, construindo sua personalidade

O PROFESSOR E A LUDICIDADE

A ludicidade é um aspecto fundamental do processo de ensino aprendizagem, desenvolver as práticas pedagógicas com ludicidade se faz necessário para que o professor consiga mediar o conhecimento de maneira mais eficaz, fazendo com que o aluno se aproprie do que está sendo ensinado, de uma maneira mais interessante e prazerosa.

“A prática pedagógica por meio da ludicidade não pode ser considerada uma ação pronta e acabada que ocorre a partir da escolha de um desenvolvimento de jogo retirado de um livro” (Rau,2011,p.32). A prática pedagógica através dos jogos e brincadeiras requer muito envolvimento por parte do professor, estudos sobre o assunto e buscar se adequar às diversas alternativas metodológicas e essa busca requer muita observação, o brincar é um chafariz de divertimento, onde as crianças aprendem dentro e fora da escola, sozinhas ou com outras crianças. O educador precisa organizar os objetivos, classificar os jogos que se identificam com as necessidades reais dos educandos, observando os avanços e as dificuldades, para poder intervir de maneira significativa e contribuir no aprendizado.

Explorar os recursos disponíveis como, o uso de ferramentas interativas, os jogos digitais, promove um grande enriquecimento para o ensino, organizar os espaços e os ambientes contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem e a interação entre os alunos favorece a ação pedagógica do professor. A psicomotricidade como recurso pedagógico pode auxiliar o professor em algumas questões de aprendizagem, pois é uma área que visa a coordenação motora, o movimento corporal, é uma habilidade que deve ser explorada como correr, pular contribuindo assim para o seu desenvolvimento. Se o professor perceber no aluno alguma dificuldade com relação a lateralidade,

equilíbrio ou postura, pode desenvolver algum jogo como, pular amarelinha, pular em um pé só, pular de um lado para o outro entre outras diversas brincadeiras que favoreçam o seu desenvolvimento psicomotor abrangendo as diferentes áreas do conhecimento e adaptando as necessidades e interesses do grupo.

Os jogos como recurso pedagógico atende às necessidades do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem, auxilia o educador na árdua tarefa de ensinar, através do jogo o aluno desenvolve várias habilidades, a criança cria hipóteses e vai simultaneamente construindo o saber. Os jogos e brincadeiras requerem planejamento e muito estudo teórico por parte do professor tem de haver muita reflexão sobre a construção do conhecimento. A ludicidade como trabalho pedagógico, pouco a pouco a criança vai adquirindo confiança, brincando ela expressa suas emoções, o jogo contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança, através das situações imaginárias ela consegue abstrair o pensamento, brincando a criança se desenvolve integralmente nas áreas afetivas, cognitivas e motoras e as regras fazem parte do jogo, podendo ser modificadas de acordo com as necessidades.

Para Friedmann (1996, p. 56), é necessário dar atenção especial ao jogo, pois, as crianças têm o prazer de realizar tarefas através da ludicidade e, quando isto acontece, vivencia o mundo imaginário e assim se afasta da sua vida habitual. O jogo é uma ferramenta muito importante no que se refere à estimular os estudantes a se envolver no processo de ensino e aprendizagem, o jogo não é somente divertimento e recreação e sim uma ferramenta potente para o desenvolvimento infantil.

Brincadeiras de símbolo evidenciam ao educador situações que acontecem no cotidiano do educando, situações essas que envolvem suas relações sociais e afetivas, que darão ao educador subsídios que podem de certa forma, explicar algumas atitudes e comportamentos. Enquanto o professor observa o ato de jogar direcionada a aprendizagem, pode considerar diversos aspectos que auxiliarão em sua prática pedagógica e a partir dessas observações desenvolverem diferentes recursos para aprimorar o ensino.

Não esquecendo dos jogos eletrônicos e das habilidades que eles certamente podem desenvolver como as áreas cognitivas, atenção, concentração e a memória, não podemos deixá-los de lado, pois, eles fazem parte de uma geração que têm um portal de acesso ao conhecimento e a informação, precisamos utilizá-la positivamente esse recurso mediado pelo professor, assim, os recursos tecnológicos contribuem de forma efetiva e podem abordar questões sociais como a diversidade cultural, identidade sexual, a violência urbana, poluição dos rios, devastação das florestas, entre tantos outros assuntos importantes para a formação do educando. E os jogos e brincadeiras utilizados como recurso pedagógico não deve ser pensado apenas como uma simples brincadeira de criança deve ser planejada e fazer parte do currículo, trabalhando em diferentes áreas do conhecimento como, língua portuguesa, matemática, artes, história, geografia e tantas outras mais, além de trabalhar a interdisciplinaridade, pode-se também estimular alguma área específica, onde o educando tenha mais dificuldade, cabe ao educador elaborar diversas estratégias de ensino e construir com seu aluno esse conhecimento. O jogo educativo fará com que o aluno espontaneamente expresse e manifeste suas indagações de maneira livre, apenas pelo prazer de jogar.

[...] “jogo destina-se ao desenvolvimento integral da criança, estimulando habilidades físicas concomitantemente às morais e sociais” (Kishimoto, 2014, p.111) Utilizarmos os jogos e brincadeiras com fins educacionais é um ganho para a educação.

O professor deve procurar aprofundar seus conhecimentos no conteúdo lúdico, que tenha conhecimento teórico e prático sobre o assunto para que as atividades escolares sejam um desafio por meio do divertimento, transformando o ambiente num espaço alegre de bom relacionamento e que o aluno se sinta motivado e tenha prazer em aprender e as intervenções do educador devem servir de motivação para que o aluno se sinta desafiado, motivado a dar prosseguimento ao desejo de aprender. O jogo é uma ferramenta que enriquecerá a aula por meio de estímulos como, visuais e os auditivos e o apoio da família é fundamental para que proporcione a ela um ambiente repleto de informações, que possa contribuir com o seu desenvolvimento em um simples jogo de corrida a criança pode desenvolver várias habilidades como velocidade, equilíbrio e a lateralidade.

O educador precisa se organizar, determinar o tempo e o espaço onde serão realizados os jogos ou as brincadeiras. Por meio da brincadeira espontânea o educador poderá utilizá-la como um meio de sondagem, ou objeto de pesquisa para sondar os alunos e nortear trabalhos a serem desenvolvidos, pode ainda complementar através de músicas, vídeos e diversas outras atividades. As brincadeiras com materiais não estruturados como tampinhas, folhagens, palitos, entre outros, farão o aluno refletir sobre a consciência ecológica. Pelos jogos, podemos ainda trabalhar a interdisciplinaridade, integrando as disciplinas. Cabe ao educador mediar as relações entre as crianças, ele precisa saber contornar os momentos de euforia, limitações e disputas que possivelmente ocorrerão durante os jogos. Uma questão polêmica em sala de aula é a indisciplina, o educador sempre sobrepõe à culpa no aluno, porém, há muitos aspectos a serem observados, como será a aula desse professor? É uma aula didática? Dispõe-se de várias atividades e recursos para que se torne uma aula atrativa? Como se dá a conduta da escola? Podem-se fazer muitos projetos a esse respeito, um projeto de arte, por exemplo, enaltecendo a criatividade dos alunos, uma exposição.

O aluno precisa gostar de estar na escola, para querer aprender. Muitas crianças vivem em pequenos espaços e quando chegam à escola, encontram muitas dificuldades com relação ao movimento corporal, como correr, pular corda, jogar bola, a partir desta perspectiva o professor deve oferecer atividades individuais e coletivas de jogos e brincadeiras que destaquem as expressões corporais. O professor deve dominar os conhecimentos com relação ao lúdico e respeitar os limites e superações de cada educando. O brincar direcionado a aprendizagem, contribui com o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e psicomotor. O professor deve levar o aluno a refletir sobre suas dificuldades para que assim possa contribuir de uma forma significativa no processo de construção do conhecimento.

Os novos tempos necessitam de professores diferenciados, o educador precisa se dar conta do quão importante ele se faz no processo educativo de seu aluno. Contudo, não podemos deixar de mencionar as dificuldades de se dar aulas atualmente, hiperlotação das salas, salários baixos, a desvalorização da categoria. Apesar da relevância dos problemas, o profissional da educação deve refletir sobre a sua própria prática e realizar novos métodos, novos estímulos que causarão efeitos positivos para sempre na aprendizagem de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os métodos tradicionais de ensino não atraem mais as crianças, elas querem participar, questionar e não conseguem ficar paradas horas a fio, sentadas. As crianças da atualidade são extremamente questionadoras e não engolem os conteúdos despejados sobre elas sem saber o "porquê" ou "para quê". Portanto, o professor mediador deve saber como as crianças aprendem e como ensinar.

O jogo é a mais importante das atividades da infância, pois a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar para manter seu equilíbrio com o mundo. Convivemos dentro das escolas com certos preconceitos, entre eles o de que jogar e brincar são atividades reservadas somente para recreação, em sala de aula é necessário ter seriedade, permanecer em silêncio porque, nesses horários, são ensinadas matérias importantes: Matemática, Geografia, Português entre outras.

Ultimamente os professores se apropriaram dos jogos e brincadeiras como ferramentas potentes de aprendizagem. Agora sabemos que todos os jogos, por sua própria essência, são educativos e contribuem para o desenvolvimento infantil. Jogar é uma função indispensável à criança. Jogar com ela, deixá-la jogar com seus parceiros e em grupos é um compromisso que todo educador deveria ter, uma vez que o jogo favorece o seu desenvolvimento cognitivo e socioafetivo.

Todos nós devemos estar atentos no papel do brincar, que não é apenas um passatempo, mas sim um objeto importante de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil fundamentos e métodos**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: Crescer e Aprender O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis o Jogo, a criança e a educação**. 18ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A Ludicidade na Educação**. 2ª edição. rev., atual. ampl. -Curitiba, Ibipex, 2011.

Marilene Pereira da Silva - Licenciatura em Pedagogia Plena pela Universidade Paulista, UNIP, SP. Pós-Graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos, FCE, SP. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

AS ARTES PLÁSTICAS COMO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

MONICA NUNES

RESUMO

Esse artigo pretende desenvolver ideias relacionadas às Artes como Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental I. O público-alvo desse artigo foi pensado para os professores de Educação Básica, fundamentalmente para os professores de artes que trabalham com o Ensino Fundamental I. Justifica-se a importância desse tema devido ao significado que as artes podem trazer como parte pedagógica nas salas de aula. As artes são um parceiro perfeito para o aprendizado no Ensino Fundamental I porque encorajam a experimentação e a descoberta.

Palavras-Chave: Desenvolvimento. Educação. Espaço Criativo. Expressão. Universo Simbólico.

INTRODUÇÃO

A presença da arte na educação, por meio da linguagem artística, contribui para o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes. A arte na educação caracteriza-se por enriquecer e dar um grande contributo cognitivo no desenvolvimento das capacidades e competências dos alunos, tais como o empreendedorismo, a diversidade cultural, a inovação, a criatividade ou a curiosidade.

A arte está relacionada aos humanos desde os tempos antigos. Significava para o homem um modo de expressão e comunicação, que se manifestava em todas as suas atividades, pois era invariavelmente utilizado em diferentes situações. Ao longo da história, evoluiu para o que conhecemos hoje.

Arquitetura, música, dança, escultura, pintura e teatro de diferentes épocas hoje enriquecem nossas vidas e nos contam como era o passado. A arte se apresenta, dessa forma, como uma linguagem universal.

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvam a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (BRASIL, 1998, p.47).

A arte foi explicada por filósofos, artistas, psicólogos e educadores, que contribuíram com concepções muito diferentes. Tem sido considerado um meio de descarregar energias; como uma atividade prazerosa; como forma de escapar da vida; como possibilidade de concretização de uma ordem, de integração harmoniosa e equilibrada diante de elementos contraditórios ou ininteligíveis da realidade;

como a possibilidade de alcançar uma aprendizagem emocional motivadora ou como uma forma de questionar o que foi estabelecido.

Em princípio e durante os vinte e dois séculos da história da humanidade (V AC, ao décimo sétimo DC), ao se tentar colocar a arte a serviço da educação, não se pensava no educando (criança, adolescente), mas apenas no técnico. Na música, eles foram ensinados quase exclusivamente a cantar e a tocar um instrumento: não foram ensinados a ouvir. Nas artes plásticas eram feitos para copiar as obras dos grandes mestres (gravuras e esculturas) e, naturalmente, só os dotados podiam trabalhar com esse sistema: não eram ensinados a ver.

A partir do século XVII, ilustres psicólogos e pedagogos como Juan Amos Comenius, John Lock e JJ Rousseau, observaram que a arte pode servir como elemento educacional, destacando assim seus dois valores: o artístico-criador-emocional e o psicopedagógico-expressão-comunicação, insistindo na ideia de que, por serem meios de comunicação, devem ser aprendidos por todos, como se faz com a linguagem oral e escrita.

É então que começa realmente a despertar a ideia de respeito ao desenvolvimento individual no campo educacional, tanto na concepção quanto na valorização de uma manifestação estética e, o que é mais importante, considerar essa manifestação como parte de uma expressão livre e não como a repetição inútil de cânones estereotipados.

Na primeira metade do século XIX, a verdadeira pedagogia da arte começou a tomar forma, a partir das ciências da educação; O desenvolvimento dos programas começa a partir do conhecimento da criança e do adolescente.

A ARTE COMO EDUCAÇÃO NO NÍVEL BÁSICO

A educação artística no nível básico é relegada; A prioridade é dada às demais disciplinas e, de acordo com o programa, se sobra tempo, é dedicado às atividades artísticas. Os professores carecem de formação especial nesta área e não existem professores especificamente dedicados ao ensino, como é o caso da educação física. A pintura, a dança, a música e o teatro limitam-se a muito poucas crianças que frequentam oficinas ou institutos especiais, que nem sempre ensinam de acordo com a pedagogia da arte infantil e a maioria delas cobra pelos seus serviços.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação de aprender, pois a arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. Para tanto, a escola deve saber aproveitar a diversidade de recursos humanos e materiais disponíveis na comunidade em que ela esteja inserida, a fim de que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha a oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte (BRASIL, 1997, p.15).

O desenvolvimento humano descreve uma complexa teia de fatores que afetam a saúde e o bem-estar dos indivíduos ao longo da vida. Juntos, esses fatores produzem resultados cognitivos e comportamentais que podem moldar as circunstâncias sociais e econômicas dos indivíduos, seus níveis de criatividade e produtividade e qualidade de vida geral.

As artes são ideais para promover essa abordagem integrada. Em estudo após estudo, a participação artística e a educação artística têm sido associadas a melhores resultados cognitivos, sociais e comportamentais em indivíduos ao longo da vida: na primeira infância, na adolescência e na idade adulta jovem e nos anos posteriores.

As possibilidades de resistir e de criar são produzidas historicamente tal como o são os sujeitos que as realizam, o que nos leva a refletir tanto sobre a realidade social em que vivemos, como sobre as características e condições necessárias dos contextos educativos para a formação do ser humano, que deve compreender as dimensões técnica, política, ética e estética.

A dimensão técnica refere-se à necessária apropriação do conhecimento produzido socialmente. Está presente em todas as áreas do conhecimento e decorre do desenvolvimento científico que se apresenta como suporte às várias tecnologias que permitem uma intervenção deliberada e mediada na realidade. Por exemplo, no caso do aprendizado da linguagem escrita, a dimensão técnica refere-se ao código alfabético-ortográfico, e seu domínio é caracterizado pela codificação e decodificação da linguagem escrita (Lemle, 2000). Porém, ler e escrever são atividades que transcendem a mera codificação e decodificação, o que nos remete a outras dimensões da formação humana.

A dimensão política permite ao sujeito realizar uma leitura crítica da realidade necessária para um posicionamento efetivo. Somos todos sujeitos da polis, sujeitos em relação aos outros. Nossa existência é marcada por posições políticas que têm consequências tanto para a existência individual quanto para a coletiva. Da mesma forma, no exemplo anterior de aprendizagem da linguagem escrita, é preciso considerar que não se trata apenas da apropriação de um código culturalmente valorizado. Saber ler e escrever possibilita assumir um lugar social diferenciado, pois são ferramentas importantes na luta por melhores condições de vida.

Ao se mover da arte para a psicologia, Vygotsky pôde testar suas construções teóricas derivadas de um domínio complexo em um outro domínio. Seu trabalho com a arte capacitou-o a tratar de problemas psicológicos complexos (...) de uma forma muito mais rigorosa do que investigadores com formação em psicologia propriamente dita, na sua época ou na nossa. Foi um mérito – e não um demérito. (VAN DER VEER e VALSINER 1996, p. 47)

A dimensão ética está relacionada à compreensão das implicações das decisões coletivas e individuais. Ou seja, se somos sujeitos capazes de se relacionar, como afirma Vygotski (2000), nossas ações se inter-relacionam em uma complexa rede que tecemos ativamente e é fundamental que sempre consideremos as consequências dessas ações, tanto para nós quanto para o grupo do qual participamos ativamente.

Por fim, a dimensão estética é fundamental porque se refere à formação da sensibilidade, necessária ao compromisso com a própria vida, com a riqueza e multiplicidade da existência e da realidade humana, que se constrói na atividade coletiva e singular, em contínua transformação. A sensibilidade

mobiliza o sujeito para o importante combate a qualquer forma de submissão, para resistir à humilhação e, ao mesmo tempo, para criar novas formas de vida.

Todas essas dimensões são social e historicamente constituídas, e referem-se às relações com os tantos outros com quem se dialoga, presencial ou não, e que estão na base de cada pessoa e da humanidade em geral. A natureza dessas relações deve ser objeto de reflexão e intervenção, o que nos permite falar de educação estética, ou seja, da possibilidade de “promover atitudes estéticas nos alunos para a realidade” (Estévez, 2003, p. 39). Segundo Sánchez Vázquez (1999), as atitudes pautadas nas relações estéticas diferem das relações prático-utilitárias que atendem às necessidades cotidianas e caracterizam as estratégias de sobrevivência cotidiana. Pelo contrário, nas relações estéticas.

O homem satisfaz a necessidade de expressão e afirmação que ele não pode satisfazer, ou que ele apenas satisfaz de forma limitada em outras relações com o mundo. Na criação artística ou na relação estética criativa do homem com a realidade, o subjetivo se torna objetivo e o objeto se torna sujeito, mas neste caso um sujeito cuja expressão objetivada não só ultrapassa o quadro da subjetividade, transcendendo seu criador, mas também pode ser compartilhado com outros assuntos quando já está fixo em um objeto. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 56)

As relações estéticas assentam necessariamente numa sensibilidade estética, entendida, por um lado, como "uma forma específica de sensibilidade humana", e por outro, como

A sua forma superior de expressão, uma vez que se manifesta em toda a sua riqueza e plenitude o a verdadeira relação humana com o objeto como confirmação das forças humanas essenciais nele objetivadas. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 86).

Essas relações estéticas são o fundamento da atividade criativa, entendida, na perspectiva vygotskyana, como uma atividade humana complexa em que o sujeito, a partir dos elementos da realidade, os combina em arranjos variados, produzindo algo novo e, nesse processo, sendo objetivo e subjetivo.

AS INFINITAS POSSIBILIDADES DE RECRIAÇÃO DA VIDA

As infinitas possibilidades de recriação da vida e de (re) sentido de si são produzidas por sujeitos concretos que, ao se relacionarem com a realidade, se permitem olhar, admirar, reconhecer detalhes, ângulos, variações de luz, que acabam por estabelecer relações estéticas com os objetos, com os outros e consigo mesmos. Ele também consegue (re) conhecer as qualidades dessas pessoas e desses objetos como qualidades estéticas. Sánchez Vázquez (1999) esclarece que

Sujeito e objeto por si próprios, à parte de sua relação mútua, não têm uma existência estética real e efetiva. O objeto precisa que o sujeito exista, da mesma forma que o sujeito precisa que o objeto esteja em um estado estético. Desse modo, segue-se que algo como uma atitude estética anterior a essa relação não ocorre no sujeito (...). O que existe

realmente é a experiência que o objeto provoca, o estado ou a atitude engendrada na (e não antes) da relação estética, concreta, singular com aquele objeto. (p. 108)

Pessoas específicas, marcadas pelas condições sociais e históricas que as forjaram, podem estabelecer várias formas de se relacionar com a realidade, com os outros e consigo mesmas, que podem ser prático-utilitárias ou estéticas. Estas últimas se destacam na medida em que possibilitam ao sujeito se distanciar da realidade vivida e emergir em outra, mediada por novos sentidos que, uma vez apropriados, contribuem para o redimensionamento e ressignificação do próprio viver / existir.

E quem pode empreendê-los? Os sujeitos que têm condições e se permitem transcender a posição reflexivo-racionalizadora claramente privilegiada na sociedade de controle, para estabelecer outras relações mediadas por uma sensibilidade que lhes dá a possibilidade de reconhecer a realidade em sua diversidade, riqueza e complexidade, para ir além o que é imposto.

A perspectiva reflexivo-racionalizante é caracterizada pelo pensamento teórico-sistemático, reconhecido como a conquista da humanidade, e ao qual se dedica vasta literatura no campo da psicologia e da educação. Por outro lado, a produção é significativamente menor. Nosso grupo de estudos tem se interessado por essa questão, que se preocupa com as possibilidades, não só de conhecer, mas, sim, de estabelecer relações estéticas caracterizadas por

Um olhar mais livre em sua apreensão significativa do mundo, pois busca outros ângulos de leitura não para ver o objeto em sua suposta verdade, mas para buscar a relação estética estabelecida com ele, produzindo novos sentidos para a configuração de outras realidades. (ZANELLA, DA ROS, REIS & FRANÇA, 2003, p. 10)

Essas outras relações são estéticas na medida em que consistem em experiências pautadas por uma sensibilidade que separa sujeito e realidade contemplada do imediato, da existência física e concreta, da lógica utilitária que caracteriza a sociedade em que vivemos. Enquanto essa necessidade e essa lógica subsistirem, essa existência aparecerá como mera condição para a afirmação de outras possibilidades para a existência humana.

A literatura que discute a formação docente e a ação pedagógica enfatiza as dimensões técnica e política necessárias à obtenção de uma formação crítica que tenha seus eixos referenciais na ética e na cidadania. No entanto, Martínez (2001) esclarece que: “a formação e a formação de professores, em um nível geral, não contribuem para o desenvolvimento de características pessoais importantes para o desempenho profissional criativo, podendo fazê-lo” (p. 104). As investigações que temos conduzido somam-se às inquietações anteriormente expostas e destacam a dimensão estética como fundamental na formação de professores. Este treinamento é baseado na atividade criativa, nos produtos que resultam dela, nos assuntos que o criam,

Investir na criatividade dos professores significa investir na sua própria história, nos seus processos psicológicos superiores e nas suas características de sujeitos determinados ao longo dos anos. A arte representa uma opção neste sentido; Vygotsky (2004) aponta que mais do que uma disciplina, a arte é

Uma organização do nosso comportamento para o futuro, uma disposição para a frente, uma exigência que, talvez, nunca se cumpra, mas que nos impele a aspirar acima das nossas vidas para o que está além. (p.309-310)

Pela arte, ou, como esclarece o autor, por uma intensa experiência estética, é possível redimensionar a forma como vemos a realidade, experiências que permitem a produção de sínteses qualitativas da emoção, da cognição, do psiquismo e das emoções. Da mesma forma, Teplov (1977) destaca que a arte

Tem um efeito profundo e de longo alcance em vários aspectos da psicologia humana, não apenas na imaginação ou nos sentidos, mas também no pensamento e na vontade. Daí sua enorme importância para o desenvolvimento da consciência e da autoconsciência na educação moral e na formação da concepção de vida. (p. 123)

Temos utilizado diferentes linguagens artísticas nas oficinas que desenvolvemos com os professores que participam de projetos de pesquisa e extensão. No entanto, apesar de as linguagens artísticas serem uma referência importante para os trabalhos de educação estética, é imprescindível destacar que existem outras possibilidades para a formação desta dimensão sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte e a atividade criativa são essenciais para a formação do ser humano e assumem-se como norteadores das pesquisas que se desenvolvem junto aos professores dos níveis iniciais da educação básica.

São diretrizes porque se busca uma formação docente que permita ao sujeito com quem se trabalha, não só reproduzir o que existe, mas fundamentalmente a partir da multiplicidade de recursos socialmente disponíveis para produzir combinações inovadoras, comprometidas com a ética e a estética de uma vida digna.

Finalmente, uma formação que investe nos sujeitos a partir da convicção de que as produções culturais da humanidade não são privilégio de poucos, mas direito de cada um. Desta forma, pode-se contribuir efetivamente para a (re) criação da existência, tanto pessoal quanto coletiva, desde que estejam reunidas as condições necessárias.

Por meio da arte pode se ver a alma. Toda a expressão artística sensibiliza e ajuda na construção do ser, facilita a expressão de sentimentos e emoções, permite potencializar experiências pessoais e desenvolver a aprendizagem integral das crianças.

As linguagens artísticas possuem diversas possibilidades de expressão e comunicação que permitem ao ser humano se erguer e se recriar na diversidade de realidades, relações e modos de vida, promovendo bem como o desenvolvimento de habilidades para a socialização. Seu uso como ferramenta pedagógica na prática docente enriquece os processos cognitivos dos alunos, abrindo-os para emoções e sensações que favorecem a autorreflexão e desenvolvem a sensibilidade e a criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Fundamentos da educação – As múltiplas linguagens das crianças e as interações com a natureza e a cultura (II): artes visuais. (Livro de Estudos: Módulo IV). Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 5). Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012797.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.
- Da Ros, SZ (no prelo). O inseparável que se instituiu como parte do grito por um novo síntese: como relações entre ciência e arte. In: AV Zanella, FCB Costa, K. Maheirie & SZ Da Ros (Comps.), Educação Estética e Constituição do Sujeito: Reflexões em andamento. Argos - Unochapecó.
- RICHTER, Sandra R S. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2007, Caxambu (MG). Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) : 30 anos de pesquisa e compromisso social. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2007. p. 1-15.
- SÁNCHEZ, VÁZQUEZ, A. (1978). As ideias estéticas de Marx (2ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- STERN, Arno. Uma nova compreensão da arte infantil. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- TEPLOV, RM (1977). Aspectos psicológicos da educação artística. In: A. Lúria, A. Leontiev, LS Vygotski, GS Kostiuik, DN Bogoyavlensky, NA Menelmskaya, ZI Kalmykova, RG Natadze et al. (Eds), Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos (pp. 123-153). Lisboa: Stamp.
- VAN DER VEER, René e VALSINER, Jaan. Vygotsky: Uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.
- VYGOTSKI, LS. Psicologia da Arte. México: Fontamara. 2004.

Monica Nunes - Graduação em Pedagogia, pela Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL em 2012. Pós-Graduação em Educação Infantil, pela Faculdade de Conchas, FACON em 2016. Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento, pela Faculdade de Conchas, FACON em 2016. Graduação em Artes Visuais pela Faculdade Morzateum de São Paulo, FAMOSP em 2017. Pós-Graduação em Educação e Artes Visuais pela Faculdade Integrada Campos Salles, FICS em 2021. Professora de Educação Infantil, PEI e Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, PEIFI, na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NOS PROJETOS INTERDISCIPLINARES

NAIR DIAS RAMOS

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo fornecer informações a respeito das Práticas Corporais por meio do teatro e da dança nas aulas de Educação Física e nos Projetos Interdisciplinares nas escolas onde são alvo de intensas discussões na atualidade. Sua fundação, alicerçada nos campos da educação e da saúde, tem sido palco de inúmeras pesquisas interdisciplinares em ambas as áreas, como as práticas corporais por meio do teatro e da dança. Nesse contexto, esse artigo pretende dar continuidade a uma discussão já iniciada por pesquisadores, que são abordados nesse artigo por meio de uma metodologia baseada em pesquisa bibliográfica. A Educação Física Escolar é uma disciplina curricular obrigatória na educação básica brasileira. Visa, sobretudo, à democratização, humanização e diversificação da prática pedagógica do campo, a fim de estender essas possibilidades aos alunos desde a perspectiva biológica até o desenvolvimento das dimensões afetiva, cognitiva e sociocultural.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Educação física. Projetos Interdisciplinares. Saúde.

INTRODUÇÃO

O tema Práticas Corporais foi pensado para que os profissionais de educação física possam entender como é benéfico se trabalhar com o teatro e a dança durante as práticas corporais.

Pode-se entender as práticas corporais por meio do teatro e das danças, sendo parte integrante da Educação Física, a qual está diretamente relacionada e sofre influência das pedagogias e suas tendências nos Projetos Interdisciplinares.

O questionamento desse artigo centraliza-se por tentar entender que o corpo pratica formas de experiência, pois os movimentos corporais expressam os modos de ser da pessoa, e a percepção que essa pessoa tem dela pode gerar uma certa experiência. Se o ser humano produz a si mesmo, isso significa que, a partir das formas de expressão do corpo, tornam-se visíveis formas de vivência da pessoa, transportando-a para outro quadro de reflexão e sensibilidade. Esses sentimentos podem ser trabalhados com o teatro e dança.

Esse artigo tem como objetivos gerais, buscar reflexões a respeito das práticas corporais nas aulas de educação física e nos projetos interdisciplinares, através das contribuições do teatro e da dança. Como objetivos específicos: abordar os aspectos fundamentais da educação física; compreender a importância do teatro e da dança para o desenvolvimento infantil e perceber que as práticas de educação física por meio do teatro e da dança são fundamentais para os alunos desde a tenra idade.

Justifica-se esse trabalho a fim de notar que a educação física é fundamental em todas as idades, pois trabalha com todas as partes do corpo e por meio do teatro e da dança. Dessa forma, a relevância desse projeto se estende aos profissionais de educação física, que podem contribuir de forma significativa para os movimentos corporais com seus alunos.

A metodologia utilizada nesse artigo foi por meio de pesquisa bibliográfica, com a corroboração de autores que denotam a respeito da educação física, do teatro e da dança e suas contribuições para o desenvolvimento dos seres humanos por meio dos movimentos corporais.

Esse artigo está dividido em três capítulos, sendo o primeiro para abordar os aspectos fundamentais da educação física. O segundo capítulo procura-se compreender a importância do teatro e da dança para o desenvolvimento infantil e no último capítulo tenta-se perceber que as práticas do teatro são fundamentais para os alunos desde a tenra idade.

AS ABORDAGENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Digamos que as variações de velocidade do corpo sejam aceitas para abrir a percepção da experiência corporal. Com isso, expomos uma ideia pedagógica de formação, enfatizando que essa pessoa se faz na percepção, se faz no corpo. Assim, as práticas corporais tornam-se espaços de experimentação e esse gesto aprendido com a dança relaciona a percepção, o corpo e o conhecimento

Ao estabelecermos uma relação entre as práticas corporais e a educação, nos orientamos para uma configuração estética da existência: por que Zarathustra dança? Em primeiro lugar, para se proteger do espírito de peso e, em segundo lugar, porque ele quer ensinar como alguém se torna leve; a dança transforma e metamorfoseia o bailarino, transformando o peso em leveza.

A motricidade do próprio corpo também remete à noção de comportamento simbólico, a um ser que tem possibilidade de expressão em múltiplas perspectivas. (NEGRINE, 1980).

Uma prática corporal constitui um modo de ação; assim, as habilidades motoras se expressam em suas práticas corporais e, ao se expressarem, constituem nós de sentido. A motricidade tem a ver com uma certa expressão da corporeidade, que é relaxada como unidade significativa porque, longe de posturas mecanicistas e vitalistas, o que nos importa é a experiência que o próprio corpo tem em movimento.

Sabe-se que a motricidade pode ser explicada a partir dos discursos orgânicos, em seu fisicalismo e à luz das contribuições da Fenomenologia que, a partir da existência corporal, revê as tendências unilaterais da modernidade.

Cada abordagem da Educação Física Escolar, nasce de uma tendência pedagógica, de uma perspectiva de educação, que por sua vez nasce de uma teoria filosófica. Segundo Moreira (2001), a Educação Física desenvolvida no âmbito escolar se sustenta em bases teórico-filosóficas.

A Educação Física nas escolas primárias terá por fim [...] promover, por meio de atividades físicas adequadas, o desenvolvimento integral da criança, permitindo que cada uma atinja o máximo de sua capacidade física e mental, contribuindo na formação de sua personalidade e integração no meio social. (ROSAMILHA, 1979, p.74).

De acordo com Negrine (1980), a organização motora é fundamental para o desenvolvimento das funções cognitivas, das percepções e dos esquemas motores da criança e as aprendizagens escolares básicas devem ser os exercícios psicomotores, e a sua evolução, sendo determinantes para a aprendizagem da leitura e escrita.

O indivíduo passa por fases do desenvolvimento motor, onde as habilidades motoras básicas de locomoção, equilíbrio e manipulação são aperfeiçoadas. Inicialmente as manifestações motoras e tarefas realizadas são simples, e gradativamente tornam-se complexas, fazendo do período de zero a seis anos de idade, essencial para o repertório motor das crianças. O desenvolvimento corporal é possível por meio de ações, experiências, percepções, movimentos, expressões e brincadeiras corporais. Na infância, as experiências e brincadeiras corporais assumem papel importantíssimo no desenvolvimento, pois valorizam o corpo na formação do sujeito e da aprendizagem.

Para o ser humano o ponto de referência para conhecer e interagir é o corpo, servindo como base para o desenvolvimento cognitivo e conceitual, incluindo a aprendizagem da alfabetização. Por isso, que o desenvolvimento do movimento por meio da psicomotricidade auxilia a criança a adquirir seu conhecimento de mundo, cabendo à escola ser responsável pelo desenvolvimento global e proporcionar atividades que levem a criança ao desenvolvimento harmonioso. (NEGRINE, 1980).

Com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração os aspectos motores, afetivos, sociais e intelectuais, se faz necessário a facilitação das aprendizagens escolares, por meio de atividades que estimulem a consciência dos movimentos corpóreos e da expressão de suas emoções.

Segundo Garaudy (1980), as aprendizagens são marcadas no corpo, e a participação do mesmo no processo de aprendizagem se dá pela ação do sujeito com o meio. O conhecimento apresenta um nível de ação, que é fazer os movimentos, e um nível figurativo, que se dá pela imagem que se inscreve no corpo.

A habilidade de esquema corporal e orientação espaço-temporal apresentam forte relação com o desempenho das crianças em escrita, pois é preciso adequar o tamanho da letra com o local que será escrita, bem como, compreender que se inicia de cima para baixo e da esquerda para a direita.

O TEATRO, A DANÇA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O espaço objetivo exterior é substituído pelo espaço do corpo, se tornando sem viscosidades, onde o interior e exterior são um só, portanto ao se trabalhar com o teatro e a dança o processo de ensino aprendizagem será significativo para a criança, por meio das linguagens artísticas. A dança e o teatro com o passar do tempo foram ganhando cada vez mais espaço na educação até chegar aos dias atuais. Eles sofreram influências tecnológicas e também foram influenciados pelas novas condições sociais fazendo surgir novas propostas de arte enquanto forma de educação. A arte é uma via de expressão/comunicação do sujeito enquanto ser único e exclusivo. No complexo processo de desenvolvimento da identidade pessoal, a participação do professor de artes na educação infantil significa um imenso avanço.

De acordo com Cavassin (2008):

O corpo tem de se abrir ao espaço, tem de se tornar de certo modo espaço; e o espaço exterior tem de adquirir uma textura semelhante à do corpo a fim de que os gestos fluam tão facilmente como o

movimento se propaga através dos músculos. O espaço do corpo, como espaço exterior, satisfaz esta exigência. O corpo move-se nele sem enfrentar os obstáculos do espaço objetivo estranho, com os seus objetos, a sua densidade, as suas orientações já fixadas, os seus pontos de referência próprios. (...) (CAVASSIN, 2008, p.50).

Desde a Educação Infantil o teatro e a dança são extremamente importantes para o desenvolvimento das crianças, oferecendo a oportunidade de vivenciá-los como instrumentos de conhecimento e de autoconhecimento para que desenvolvam seu sistema corporal, motor, cognitivo e sócio emocional. Eles trazem inúmeros benefícios para as crianças, observando o mundo como um grande espelho, copiando algumas coisas e criando outras para depois buscar a sua própria identidade.

De acordo com Reverbel (2002), "As atividades de expressão artística são excelentes recursos para auxiliar o crescimento, não somente afetivo e psicomotor como também cognitivo do aluno" (REVERBEL, 2002, p.34). Ao desenvolver atividades de expressão artística, não se pretende formar artistas, mas um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos e sensações e de utilizar diversas formas de linguagem.

AS PRÁTICAS DO TEATRO

O teatro, como experiência de transformação, nutre-se de diálogos, desafios e estímulos, uma prática imersiva e lúdica, tornando-se uma poderosa ferramenta pedagógica, para gerar aprendizados extensos, ativos, gratificantes e questionamentos intelectuais, pessoais e sociais. O teatro é um tipo de jogo, que implica representação.

O teatro é a manifestação artística que mais se identifica com a história pessoal do ser humano, seus conflitos e aspirações, seus momentos históricos e ideologias ou crenças.

A educação pelo teatro constitui uma prática pedagógica necessária: desenvolver no aluno a compreensão de atitudes comportamentais, motivar seu espírito de cooperação, dar-lhe terreno para realizar suas habilidades criativas.

Por tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que os valores que o teatro contém são muito importantes e que as crianças devem se apropriar deles. Além disso, pode concluir-se que qualquer ação que se realize sem o sentido de envolver e integrar as práticas artísticas com fins educativos constituirá um contributo para o desenvolvimento humano.

As crianças precisam de imaginação para crescer, criar, pensar e brincar. O teatro é o lugar mais valioso em que as crianças podem explorar as infinitas possibilidades de sua imaginação e o que podem fazer.

A participação no teatro quando criança pode ter um impacto positivo no seu desenvolvimento de várias maneiras, e essas atividades não se limitam à companhia de teatro do seu bairro ou à aula de teatro local. Atividades relacionadas ao teatro, como atuar, cantar, se apresentar ou até mesmo brincar de fingir, ler livros em voz alta e imaginar em casa são todas as maneiras pelas quais a criança pode exercitar sua imaginação, o que afetará positivamente seu desenvolvimento.

A capacidade de sentir-se confiante e confortável em falar em grupo não é fácil para muitas crianças, especialmente aquelas que podem ser um pouco tímidas. O teatro ensina as crianças a serem assertivas, a serem confiantes e a se expor quando estão em um ambiente de grupo.

De acordo com o PCN de Arte:

As pesquisas desenvolvidas a partir do início do século em vários campos das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre o processo criador, sobre a arte de outras culturas. Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança. Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística como orientações que visavam o desenvolvimento do potencial criador, ou seja, eram propostas centradas na questão do desenvolvimento do aluno (BRASIL, 1997b, p. 21-22).

Aprender a sentir-se à vontade ao falar, se movimentar pelo palco e talvez fazer uma cara boba na frente dos outros ensina as crianças a se sentirem à vontade na pele e a abraçar situações que chamam a atenção para elas. Isso pode se traduzir em confiança em muitos aspectos da vida, incluindo participar mais da escola, ter a capacidade de falar quando uma situação social deixa a criança desconfortável e até mesmo ser um funcionário forte e colaborativo.

Em tenra idade, pode ser difícil para as crianças entenderem completamente o que significa ser empático. A participação no teatro ensina as crianças a se conectar com outras pessoas desde tenra idade e a considerar pontos de vista que não são seus - impactando positivamente seu desenvolvimento emocional. A criança aprenderá muito sobre si mesmo ao interpretar novos personagens e explorar emoções diferentes que talvez ele ainda não tenha sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer um de nós, na presença de diversas atividades, pode estabelecer uma ponte de comunicação com aquele conjunto de ações que está diante de nossa visão, o que nos permite reconhecer e nomear, pelo menos globalmente, o conjunto de movimentos dinâmicos e corporais.

Podemos nomear esse conjunto de movimentos organizados, de certa forma, pelas relações que descobrimos como espaço, pelas formas rítmicas e sequenciadas de ações e deslocamentos, e também pela identificação das formas de movimento utilizadas.

É possível então, nos encontrarmos diante do desenvolvimento de práticas esportivas. Obviamente, identificamos parâmetros neste complexo conjunto de ações que aparecem como um todo organizado, e no caso das atividades esportivas, podemos identificar este conjunto organizado com a eficácia e eficiência de movimentos corporais, a excelência da ação corporal no tempo, espaço e objetos.

Por meio de uma determinada experiência corporal, organizada em torno de valores estéticos, podemos reconhecer a dança e o teatro. As capacidades de seus treinamentos corporais, a dança e o teatro fazem parte do evento com o qual o aluno poderá se comunicar com seu corpo em movimento.

Conclui-se então que as práticas corporais por meio da educação física e de projetos interdisciplinares, utilizando a dança e o teatro podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento integral do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAVASSIN, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39-52 . 2008.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- NEGRINE, A. A Educação Física e a Educação Psicomotriz. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília: MEC, 44: 60-63, jan./mar. 1980.
- REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2002. (Pensamento e ação no magistério).
- ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo, Pioneira, 1979.:

Nair Dias Ramos - Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Bandeirante de São Paulo, UNIBAN, em 2011. Pós-Graduação em Formação em Educação A Distância pela Universidade Paulista, UNIP, em 2020. Professora de Educação Infantil e Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

GESTÃO PÚBLICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

ROSEMARY NUNES GOMES

RESUMO

O presente artigo retrata os principais avanços e desafios encontrados na Rede Municipal de Ensino de São Paulo quanto às Políticas Públicas relacionadas ao processo de gestão democrática e participativa por parte de todos os envolvidos: direção, professores, funcionários e comunidade. Apesar da legislação e de muitos avanços que vem sendo socializados nas mídias sociais e meios de comunicação, sabemos que ainda existem muitos obstáculos a serem enfrentados. Assim, a necessidade de discutir o assunto frente as questões da Gestão Pública se faz necessário para entendermos sua relação com cotidiano escolar.

Palavras-Chaves: Gestão. Políticas públicas. SME. Legislação. Escola.

INTRODUÇÃO

A Gestão Democrática surgiu como uma medida para acabar com a cultura que até então existia no Brasil de haver cargos de confiança por ligações de cunho político, evitando assim a interferência do governo e das secretarias de educação (SILVA, 2016).

Institucionalizada a partir da Constituição de 1988, que em seu artigo 206, inciso VI, definiu um novo modelo de administração das escolas públicas do país. Porém, só depois de alguns anos, já na década de 1990 é que a gestão democrática ganhou força nas escolas.

Na sequência, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, nº 9394/96) regulamentou a gestão democrática como princípio norteador da direção de todas as escolas da rede pública. Segundo a Lei, em seu artigo 3º:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (...) VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino. (LDBEN, 1996).

A GESTÃO DEMOCRÁTICA

A Gestão Democrática ganha na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 e consequentemente no Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) das escolas, a seguinte característica: todas as relações dentro da escola devem resultar em integração, cooperação e participação, onde as propostas devem ser construídas e reconstruídas por todas as pessoas envolvidas no processo.

Dourado, caracteriza a gestão democrática como:

A possibilidade de a escola elaborar e gerir seus planos, programas e projetos. A autonomia administrativa da escola evita que esta seja submetida a uma administração na qual as decisões, a ela referente, sejam tomadas fora dela e por pessoas que não conhecem a sua realidade, contribuindo desse modo para que a comunidade escolar possa, por meio da vivência de um processo democrático e participativo, romper com a cultura centralizadora e pouco participativa em que têm sido elaborados os projetos e efetivadas as tomadas de decisões (DOURADO et al, 2006, p.5).

Gadotti explica que a comunidade precisa compreender como funciona o processo de democratização e também que a sua participação é de extrema importância para o sucesso da gestão. Infelizmente, muitas pessoas ainda não tem essa consciência acreditando que quem comanda a escola são somente os funcionários da mesma:

Todos os segmentos da comunidade podem compreender melhor o funcionamento da escola, conhecer com mais profundidade todos os que nela estudam e trabalham, intensificar seu envolvimento com ela e, assim, acompanhar melhor a educação ali oferecida (GADOTTI, 2004. p. 16).

Desta forma, a gestão democrática deve incluir a participação da comunidade nas suas decisões, como por exemplo, na construção ou reelaboração do Projeto Político Pedagógico, preocupando-se com a qualidade do ensino e no fortalecimento do Conselho Escolar (BARROS, 2009).

GESTÃO DEMOCRÁTICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

No Brasil, os municípios cuidam da educação exercendo ação distributiva, instituindo normas complementares, autorizando, credenciando e supervisionando. Em especial, na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, várias mudanças ocorreram desde que o conceito de gestão democrática foi instituído.

Como dito anteriormente, em 1988, ano da Constituição, a então Prefeita da cidade de São Paulo, Luíza Erundina, nomeou como Secretário da Educação o educador Paulo Freire. Essa gestão teve como característica a autonomia das escolas na elaboração do P.P.P., democratizando a gestão, o acesso, a permanência e a qualidade da Educação (ARCE, 2018).

Na gestão subsequente, o Prefeito Paulo Maluf subordinou as escolas a decretos e portarias diferentes em relação à gestão anterior, separando o Conselho de Escola e o diretor, fazendo com que este último retomasse a gestão escolar.

Muitos anos se passaram e já na gestão de Fernando Haddad, houve nova alteração no modelo de gestão, com o Decreto de nº 54.453 de 2013, trazendo o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino (Mais Educação São Paulo), destacando-se a elaboração, a articulação e a implementação de ações que contem com a ajuda e participação da comunidade.

Este Decreto explicita as atribuições dos gestores, bem como dos docentes e funcionários do quadro de apoio, com relação ao cumprimento de metas e resultados esperados pela Secretaria Municipal de Educação.

Por fim, até meados de 2018, a Rede Municipal em questão possuía 3.705 Unidades Escolares (U.E.'s), que compreendem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, e contando com o que temos hoje desenhado na Rede Municipal: equipe gestora (composta pelo diretor, assistente de direção e coordenador pedagógico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que a Rede Municipal de Ensino de São Paulo é bem fundamentada, não só legalmente, mas também na prática da implementação de uma Gestão Democrática e participativa, ocorrendo de forma significativa em praticamente todas as Diretorias Regionais de Ensino (DRE's) através de ações conjuntas entre as equipes gestoras, docentes e comunidades.

Porém, é necessário que a Legislação seja respeitada em todas as escolas, por isso, as que ainda não conseguiram esse feito devem pensar em ações que contribuam para trazer a comunidade para dentro das escolas, atendendo a legislação e possibilitando que todos possa democraticamente decidir o que é melhor para escola e para a comunidade.

REFERÊNCIAS

- ARCE, P.D. **É possível a gestão democrática na Rede Municipal de Ensino de São Paulo?** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: PUC, 2018, 99 p.
- BARROS, L. A. M. **Gestão Democrática Escolar**. 2009. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/3513/1/LD_EJA_I_2013_15.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- DOURADO, L. F; MOARES, K. N. de; OLIVEIRA, J. F. **Conselho Escolar e Autonomia: participação e democratização da gestão administrativa, pedagógica e financeira da educação e da escola**. Belo Horizonte: UFG, 2006, p. 1-6.
- GADOTTI, Moacyr. **Escola Cidadã**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MENDONÇA, Erasto Fortes. **Estado patrimonial e gestão democrática do ensino público no Brasil**. Educação e Sociedade. Campinas, 2001.
- SILVA, R. M. Processo histórico e político da gestão democrática escolar no Brasil. **Revista de Educação, Ciências e Matemática** v.6 n.2 mai/ago 2016.
- _____. **Gestão democrática e compartilhada nas escolas**. Disponível em: <http://intranet.sme.prefeitura.sp.gov.br/dre-pirituba/2014/04/02/gestao-democratica-e-compartilhada-nas-escolas/>. Acesso em 19 set. 2022.

Rosemary Nunes Gomes - Pedagoga pela Universidade Braz Cubas; Pós-graduada em Psicopedagogia pela FATEC e em Educação Inclusiva pela UNICID; Atua como professora titular de Ensino Fundamental na Prefeitura de Itaquaquecetuba e na Prefeitura de São Paulo.



A IMPORTÂNCIA DA ARTE DE ATUAR E FANTASIAR EDUCAÇÃO INFANTIL

VILMA MARIA DA SILVA

RESUMO

Este estudo tem como objetivo levantar hipóteses sobre a arte e seu processo na construção da fantasia e da criatividade da criança na educação infantil. É um estudo bibliográfico com foco no teatro e na encenação, visto que representa bem o mundo fantasioso e fantástico da concepção de mundo das crianças. O resultado nos mostra o quão importante é o teatro para a formação social da criança, desempenhando papel fundamental para sua autonomia e associação cultural e de ideias.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Educação. Expressão. Linguagens artísticas.

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil a encenação e o teatro pode contribuir para que as crianças se relacionem melhor com os seus pares, com os adultos, e também no meio onde vive; construir conhecimento brincando e descobrindo espaços, ajuda a tornarem mais participativos e responsáveis nas atividades, projetos, e dinâmicas; formando indivíduos críticos e atuantes de sua própria realidade, opinando, sugerindo, valorizando as experiências e sabendo lidar com as diferenças sociais. Os professores, familiares e a comunidade, devem conhecer a importância do brincar, encenar e fantasiar na formação dos alunos, a fim de contribuírem participarem juntos.

UM POUCO DA ARTE TEATRAL

O teatro trabalha a linguagem que oportuniza várias formas de manifestações nas quais permitem que a criança utilize diferentes tipos de comunicação, como corporal, verbal, plástica, escrita, entre outras, para expressar suas vivências e experiências de maneira crítica, podendo analisar e avaliar o resultado de suas ações.

Quando as crianças aprendem a imitar logo imaginam e recriam as cenas do seu cotidiano por meio de diversas brincadeiras, representando Histórias e contos que ouviram, assim criam improvisadamente um teatro. A encenação visa a importância de desenvolver a capacidade de se entrosar com outras pessoas, improvisar, praticar a oralidade, expressão corporal, imitação da voz, vocabulário e outras habilidades.

A criança é um ser ativo, traz consigo a necessidade de se movimentar e de se comunicar por meio de várias linguagens.

A brincadeira colabora para que a criança se aproprie do mundo adulto, das regras e da complexidade sociocultural da sociedade.

A cultura é um sistema de ritos, símbolos e valores que interpreta a realidade e confere sentido à vida dos seres humanos.

O teatro surgiu a partir do desenvolvimento do homem na sociedade, por meio de suas necessidades e por isso começa a suprir suas carências por meio do desenho e da representação.

Nos primórdios, o teatro era uma espécie de dança dramática coletiva, onde abordava questões do dia a dia da comunidade, numa espécie de rito de celebração, agradecimento ou perda. Com o tempo, o homem passou a realizar rituais sagrados na tentativa de apaziguar os efeitos da natureza, harmonizando-se com ela.

Com a ascensão e consolidação da civilização egípcia, os pequenos ritos se arvoram em grandes rituais formalizados, baseados em mitos sedimentados.

Por isso dizemos que a história do teatro se confunde com a própria história da humanidade. Transmitir ou modificar a herança cultural é uma atitude educativa. Nas comunidades tribais as crianças aprendiam imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nas cerimônias dos rituais.

Segundo Prado (2003), a chegada da ordem dos jesuítas no Brasil, no século XVI, acarreta um movimento que representa no país o início da história do teatro.

Já o teatro brasileiro nasceu na sombra da religião católica. O grande representante desse movimento foi o padre jesuíta José de Anchieta, por meio de seus textos dramáticos, geralmente escritos em versos de ritmos populares e mesclados pelos idiomas espanhol, português e tupi.

De acordo com Prado (2003),

Anchieta serviu-se da arte teatral para compor sermões dramáticos, pelos quais difundia os dogmas e a história da igreja católica, e enfatizava o temor e o amor de Deus num intuito catequizador, estabelecendo as fronteiras entre o sagrado e o profano. O enredo e a técnica narrativa dos autos como se estimulavam esses espetáculos obedeciam a uma ordem iniciada pelo relato da prática de um pecado, seguindo pela narração da condenação do pecador e a imposição do castigo, culminando com a redenção, graças à misericórdia católica (PRADO, 2003. p. 69).

Segundo Fo (2004),

Os jesuítas impuseram uma censura drástica durante o século XVII, logo depois da grande reforma. Portanto, inibia-se na prática teatral a presença de quaisquer personagens cômica ou que estabelecesse provocação e dialética. (FO 2004, p.187)

O teatro no Brasil oscilou entre o ouro, o governo e a igreja católica, aglutinando funções lúdicas dogmáticas e educativas. (FO, 2004)

A capacidade de imitação da criança é a base para a primeira aprendizagem no teatro visto como Arte na educação.

A Grécia Clássica pode ser considerada o berço da pedagogia. A palavra *paidagogos* significa aquele que conduz a criança, no caso o escravo que acompanha a criança à escola. Com o tempo, o sentido se amplia para designar toda a teoria da educação. (BOSCHI, 1999)

Nos primeiros tempos, quando não existia a escrita, a educação era ministrada pela própria família, conforme a tradição religiosa.

Segundo Boschi (1999)

O teatro foi utilizado pelos gregos como uma importante ferramenta pedagógica no ato de ensinar. Por ser uma obra de arte social e comunal, isso nunca foi mais verdadeiro do que na Grécia Antiga. A multidão reunida no *theatron* não era meramente espectadora, mas participante, no sentido literal (BOSCHI, 1999. p. 97).

De acordo com Japiassu (2001, p. 22):

Importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisual, musicais e lingüísticos em sua especialidade estética, o teatro passou a ser conhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando-as, as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana (JAPIASSU, 2001. p. 22).

Entre os anos de 1920 e 1970, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino-aprendizagem de arte, sustentadas pela estética modernista, e com base na tendência escolanovista.

Na primeira metade do século XX, começam a surgir metodologias de ensino do teatro, com a finalidade de formação de atores.

No século XXI o Teatro surge com ideais de paz, de liberdade e de justiça social, demonstrando um posicionamento perante os desafios, as incertezas e as esperanças desse século.

A presença efetiva das artes teatrais nos currículos escolares pode significar uma contribuição para a compreensão do mundo e do sujeito, é uma ferramenta para o sucesso do aprendizado.

A IMPORTÂNCIA DE ATUAR E DO TEATRO NA EDUCAÇÃO

O teatro praticado na escola como arte produzida coletivamente, a partir do desenvolvimento da expressividade gestual e da reflexão crítica sobre as manifestações do homem no mundo, pode ser uma linguagem fundamental para reinventar a escola, tornando a crítica capaz de responder ao desafio de contribuir com a construção de um mundo mais justo para vivermos.

De acordo com Tomaz Tadeu Silva,

[...] mesmo quando somos rigorosamente analíticos, não estamos fazendo teoria puramente desinteressada. Queremos conhecer os

mecanismos que movimentam a dinâmica social para poder, de alguma forma, manipular pelo menos alguns desses mecanismos. É por isto que não estamos interessados apenas naquilo que faz com que a estrutura de amanhã seja a mesma de hoje, na reprodução, enfim. Queremos também saber quais processos e ações podem fazer com que haja rupturas, mudanças e movimento, produzindo assim estruturas novas e situações e posições modificadas (SILVA, 1992, p.71).

O ensino do Teatro deve fazer com que os alunos saibam resolver conflitos relacionados ao ambiente escolar e, por consequência, ao social.

A brincadeira do jogo, não é uma simples recordação de impressões vividas, mas uma reelaboração criativa delas, um processo através do qual a criança combina entre si os dados da experiência no sentido de construir uma nova realidade, correspondente às suas curiosidades e necessidades. Todavia, exatamente porque a imaginação não trabalha apenas com materiais colhidos na realidade (e por isso pode ser maior no adulto), é preciso que a criança, para nutrir sua imaginação e aplicá-la em atividades adequadas que lhe reforçam as estruturas e alongam os horizontes, possa crescer em um ambiente rico de impulsos e estímulos, em todas as direções (RODARI, 1982, p. 139 apud COSTA, 2004, p.81).

O Teatro é a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência, tendo como capacidade libertar o aluno da opressão cultural e econômica ao que está submetido, tornando-se assim um meio para a realização dos objetivos educacionais.

Quando o aluno pratica o Teatro, deve ser garantida a ação livre, iniciada e mantida unicamente pelo prazer de atuar, atrelada aos objetivos educacionais sistematizados pelo educador.

Segundo Marinho (2007):

Para a vida afetiva, intelectual, corporal, social e espiritual do aluno, sem as divisões tão usadas nas escolas. Compreende-se hoje que educar não é apenas estar preparado para o mercado de trabalho e acumular informações e conhecimento. Pelo contrário, o mundo exige pessoas com uma visão ampla, o que engloba autoconhecimento, desejo de aprender, capacidade de tratar com o imprevisível e a mudança, capacidade de resolver problemas criativamente, aprender a vencer na vida sem derrotar os demais, aprender a gostar de progredir como pessoa total e crescer até o limite das possibilidades, que são infinitas. (MARINHO, 2007, p.39)

O ensino do Teatro consiste em elaborar operações que conduzem de uma situação a outra, seja de uma situação-problema para solução ou comportamentos que modificam uma situação percebida para desejada.

O Teatro é essencialmente um laboratório onde ocorrem experiências inteligentes e reflexivas.

Muito se tem falado que os conteúdos das disciplinas, em particular os da área de Arte, devem refletir o contexto, ou seja, a realidade do aluno.

É possível utilizar o ensino do teatro enquanto metodologia instrumental para aplicar as mais diversas disciplinas. Ao vivenciar os conteúdos, de maneira extrovertida com o teatro, os alunos experimentam um processo de aprendizagem diferenciada, entrando em contato com suas potencialidades pessoais e capacidades de trabalhos em grupo.

O ato de teatralizar situações pode ser considerado como uma experiência polimorfa. Se ele é almejado pelo prazer que se usufrui, não significa que outros efeitos não lhe possam ser incorporados. A experiência assim construída e vivida pode possibilitar o encontro de aprendizagens.

Assim, destaca-se a grande importância dos educadores se utilizam do teatro em seus planos de aula, com vistas a qualificar a prática educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que na Educação Infantil o ensino da Arte por meio da representação, fantasia e do teatro resulta de um trabalho de formalização, que pode se apoiar no efeito difuso de educação.

A encenação, fantasia e teatro na escola tem uma importância fundamental na educação, colaborando para que a criança tenha oportunidade de atuar efetivamente no mundo, participando, opinando, criticando e sugerindo e, também permite ajudar a desenvolver alguns aspectos no desenvolvimento como a imaginação, criatividade, coordenação, memorização, e vocabulário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSCHI, Ronaldo. **"O jogo teatral na cultura pós-moderna"**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Programa de Pós - Graduação em Letras, 1999.
- COSTA, Alexandre Santiago da. Teatro - Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação. **Revista da Faced**, nº 08, 2004.
- FO, Dario. **Manual mínimo do ator**. São Paulo: Senac, 2004.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro**. Capinas: Papirus, 2001.
- MARINHO, Herminia Regina Bugeste. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade**. Curitiba: Ibpx, 2007.
- PRADO, Décio de Almeida . **Historia concisa do teatro brasileiro 1570- 1908**. São Paulo: Edusp, 2003.
- SILVA, Tomaz T. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Vilma Maria da Silva - Pedagoga, também formada em Letras, Artes e História, com especialização em Educação Inclusiva, Educação Especial, Alfabetização e Letramento. Participa da comissão editorial da Editora Livro Alternativo desde 2016, promovendo ações educacionais e investindo na evolução dos educadores .
www.primeiraevolucao.com.br



ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Elizabeth Hama Francisco e Luís Venâncio
Lucicleide Pereira dos Santos
Marilene Pereira da Silva
Monica Nunes
Nair Dias Ramos
Rosemary Nunes Gomes
Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.35>

Produzida com utilização de softwares livres



LibreOffice



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

